



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS – CAPF
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA – DEC
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

CRISTIANE OLIVEIRA DE QUEIROZ GOMES

MULHERES E SUAS COMPLEXAS DINÂMICAS SOCIAIS: O CASO DAS
GRADUANDAS DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DO CAPF/
UERN - 2023

PAU DOS FERROS-RN

2024

CRISTIANE OLIVEIRA DE QUEIROZ GOMES

**MULHERES E SUAS COMPLEXAS DINÂMICAS SOCIAIS: O CASO DAS
GRADUANDAS DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DO CAPF/
UERN - 2023**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Ciências Econômicas, do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Orientadora: Profa. Dra. Franciclécia de Sousa Barreto Silva

**PAU DOS FERROS-RN
2024**

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

O48m Oliveira de Queiroz Gomes, Cristiane
Mulheres e suas complexas dinâmicas sociais: O caso das graduandas do curso de Ciências Econômicas do CAPF-UERN-2023.. / Cristiane Oliveira de Queiroz Gomes. Pau dos Ferros, 2024. 70p.

Orientador(a): Profa. Dra. Franciclécia de Sousa Barreto Silva.

Monografia (Graduação em Ciências Econômicas).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Estudantes de economia; dinâmicas sociais femininas; mercado de trabalho. I. de Sousa Barreto Silva, Franciclécia. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.


CRISTIANE OLIVEIRA DE QUEIROZ GOMES

**MULHERES E SUAS COMPLEXAS DINÂMICAS SOCIAIS: O CASO DAS
GRADUANDAS DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DO CAPF/
UERN - 2023**


Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Ciências Econômicas, do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Aprovada em: 28-02-2024


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 FRANCICLEZIA DE SOUSA BARRETO SILVA
Data: 11/04/2024 13:11:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Franciclécia de Sousa Barreto Silva (orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Documento assinado digitalmente
 JOSE ELESBAO DE ALMEIDA
Data: 12/04/2024 18:17:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. *Dr.* José Elesbão de Almeida
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Documento assinado digitalmente
 VANUZA MARIA PONTES SENA
Data: 12/04/2024 05:39:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Vanuza Maria Pontes Sena
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

DEDICATÓRIA

A Deus, por ter me guiado em todos os momentos.

A minha família, por todo apoio e incentivo.

A minha orientadora, por todos os ensinamentos.

As alunas de economia, que tornaram possível esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado essa oportunidade e por ter me conduzido durante toda essa caminhada.

Agradeço aos meus pais, Francisco Erizomar de Oliveira e Maria José de Queiroz Oliveira meus maiores exemplos de força e coragem.

Agradeço ao meu esposo, Carlione Gomes da Silva, que sempre esteve comigo me ajudando e apoiando em todos os momentos.

Agradeço aos meus irmãos, Francisco Erizomar de Oliveira Júnior e José Pedro de Moura Barbosa por sempre se fazerem presentes na minha vida.

Agradeço a minha prima Jessimaíra Alesandra de Queiroz Ferreira, que já foi aluna desse curso, por ter me incentivado e ajudado sempre que precisei.

Agradeço a todos os colegas do curso, em especial, aos meus amigos, Luanda Fontes, Mayara Silva, Gabriela Soares, Gabriele Aquino, Antônia Roberta, Diovana Pinheiro, Jeisla Larissa, Moizes Cipriano e Everton Saraiva. Gratidão por todos os momentos compartilhados que contribuíram para que essa caminhada se tornasse mais leve.

Agradeço a todos os professores do departamento de economia por todos os ensinamentos. Agradeço, em especial, a professora Dra Franciclécia de Sousa Barreto Silva por ter aceitado ser minha orientadora e por ter me ajudado em todos os momentos.

Agradeço de forma especial a todas as alunas do curso de economia que participaram da pesquisa e contribuíram para obtenção dos dados. Sem vocês este trabalho não seria realizado.

Agradeço a todos que colaboraram de alguma forma para a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo aborda as complexas dinâmicas sociais vivenciadas pelas alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN-2023, com o objetivo de descrever como essas alunas conseguem conciliar suas obrigações acadêmicas, familiares e sociais. Para isso, buscou-se traçar o perfil das graduandas, identificar as diferentes ocupações bem como analisar os principais desafios enfrentados e as estratégias adotadas por elas na conciliação. O estudo é de caráter qualiquantitativo, no qual se utilizou a pesquisa bibliográfica e de campo para a obtenção dos dados e embasamento necessários para a pesquisa. O instrumento de coleta foi questionário contendo 21 perguntas, todas de assinalar, sendo algumas de múltipla escolha. De maneira histórica, o trabalho abordou o papel das mulheres em diferentes épocas e mostrou como as transformações que ocorreram no mercado de trabalho, devido às mudanças ocasionadas pela acumulação flexível, contribuíram para maior inserção das mulheres no mercado de trabalho e, conseqüentemente, para o acúmulo das responsabilidades no âmbito produtivo e reprodutivo para este público. Das 58 mulheres matriculadas no curso no semestre 2023.2, foi possível acessar 44 delas no período da pesquisa. A partir da análise dos dados, foi possível identificar que entre as alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN-2023, as motivações para ingressarem no ensino superior se deram, principalmente, por fatores econômicos e pela própria realização pessoal. Verificou-se ainda que as alunas, quase em sua totalidade, estão inseridas na dupla ou tripla jornada de trabalho e com isso lidam com desafios e mudanças no seu modo de vida que requer estratégias, apoio e/ou suporte. Importante ressaltar que para conciliarem as múltiplas responsabilidades, as alunas adotam formas de organizações, e a maioria sempre prioriza as atividades acadêmicas em detrimento das demais. No entanto, ficou claro que lidar com várias tarefas diárias gera estresse, sobrecarga e até problemas psicológicos entre as alunas; muitas atividades acadêmicas e a falta de tempo para o autocuidado são os principais fatores desencadeadores desses problemas. Foi possível concluir que conviver com tantas obrigações acaba que impactando de maneira negativa o emocional e a satisfação geral da maioria das alunas, enquanto uma parte considera impactar positivamente gerando sensação de realização. Por fim, levando em consideração as desigualdades de gênero que ainda persistem no Brasil, as mulheres são as que mais enfrentam desafios seja quanto jornada de trabalho, salários, cargos, maternidade e carreira. Com isso, torna-se importante o desenvolvimento de leis de apoio e que reduzam a desigualdade entre homens e mulheres na sociedade.

Palavras-chave: Estudantes de economia, dinâmicas sociais femininas; mercado de trabalho.

ABSTRACT

This study addresses the complex social dynamics experienced by of the Economic Sciences' students course at CAPF/UERN-2023, intending to describe how these students manage to reconcile their academic, family and social obligations. To this end, we mapped the profile of the undergraduates, identify the different occupations as well as analyzing the main challenges faced and the strategies that they adopted in conciliation. The study is of a qualitative and quantitative nature, in which is used bibliographic and field search to obtain the data and basis necessary for the study. The collection instrument was a questionnaire with 21 questions, all of which were marked, some of which were of multiple choice. Historically, the work addressed the role of women at different times and showed how the transformations that occurs in the labor market, due to changes caused by flexible accumulation, contributed to greater insertion of women in the labor market and, consequently, to the accumulation of responsibilities in the productive and reproductive sphere for this public. Out of the 58 women enrolled in the course in the 2023.2 semester, it was possible to access 44 of them during the research period. From the data analysis, it was possible to identify that among the Economic Sciences' students course at CAPF/UERN-2023, the motivations for entering higher education were mainly due to economic factors and their own personal achievement. It was also found that almost all of the students are involved in double or triple working hours and, therefore, deal with challenges and changes in their way of life that require strategies, support and/or assistance. It is important to highlight that to reconcile multiple responsibilities, students adopted forms of organizations, and the majority always prioritized academic activities rather than others. However, it was clear that dealing with multiple daily tasks creates stress, overload and even psychological problems among students; many academic activities and a lack of time for self-care are the main triggers for these problems. It was possible to conclude that living with so many obligations ends up having a negative impact on the emotional and general satisfaction of the majority of students, while some consider it to have a positive impact, generating a feeling of accomplishment. Lastly, taking into account the gender inequalities that still persist in Brazil, women are the ones who face the most challenges in what regards working hours, salaries, positions, motherhood and career. Therefore, it is important to develop supportive laws that reduce inequality between men and women in society.

Key Words: Economic Students; female social dynamics; job market.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Esquematização da metodologia do trabalho – 2023.....	19
Figura 2 – Cotidiano das graduandas em Ciências Econômicas do CAPF/UERN – 2023.....	37
Figura 3 – Realidade do trabalho remunerado das alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN - 2023.....	38
Figura 4 – Ingresso no Ensino Superior: motivações – 2023.....	42
Figura 5 – Ingresso no Ensino Superior: mudanças no modo de vida das alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN – 2023	43
Figura 6 – Falas das alunas – 2023.	44
Figura 7 – Estratégias para manter a motivação nos estudos – 2023.....	45
Figura 8 – Estudo e outras responsabilidades: Estratégias de organização entre as alunas – 2023	47
Figura 9 – Estratégias de organização das alunas, algumas falas – 2023	49
Figura 10 – Estratégias de conciliação em conflitos de responsabilidades entre as graduandas do curso – 2023	49
Figura 11 – Principais desafios na busca pelo equilíbrio entre as atividades acadêmicas e responsabilidades familiares ou sociais – 2023	51
Figura 12 – Diversidade de responsabilidades: a decisão de continuar ou desistir do curso – 2023	57
Fotografia 1 – Galeria: salas de aulas do Curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN - 2023.....	17
Gráfico 1 – Situação acadêmica das alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN – 2023.....	36
Gráfico 2 – Renda familiar mensal das alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN - 2023	40
Gráfico 3 – As principais fontes de estresse ao conciliar múltiplas responsabilidades – 2023	53
Gráfico 4 – Apoio/suporte recebidos pelas alunas para lidarem com as responsabilidades – 2023	54

Gráfico 5 – Impacto das responsabilidades acadêmicas, familiares e sociais no bem-estar emocional e a satisfação geral das graduandas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN-2023	55
Gráfico 6 – Homens e mulheres no mercado de trabalho: análise do equilíbrio entre vida pessoal e profissional – 2023	58
Mapa 1 – Localização da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – 2023.....	16
Mapa 2 – Distribuição geográfica das residências das alunas pesquisadas – Curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN – 2023.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPF	Campus Avançado de Pau dos Ferros
CE	Ceará
DEC	Departamento de Economia
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
FVG	Fundação Getúlio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PEA	População Economicamente Ativa
PIB	Produto Interno Bruto
RN	Rio Grande do Norte
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Justificativa	12
1.2	Objetivos	14
1.2.1	Objetivo Geral	14
1.2.2	Objetivos Específicos	14
1.3	Metodologia.....	15
1.3.1	Apresentação da área de estudo.....	15
1.3.2	Procedimentos do campo e enfoque da pesquisa.....	17
2	TRAJETÓRIA DAS MULHERES E A CONQUISTA DE DIREITOS: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA	20
3	HOMENS E MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO NO CONTEXTO DA ACUMULAÇÃO.....	27
4	DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA CONCILIAÇÃO DE RESPONSABILIDADES ACADÊMICAS, FAMILIARES E SOCIAIS: UM OLHAR SOBRE AS GRADUANDAS DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DO CAPF/ UERN - RESULTADOS DO TRABALHO DE CAMPO.....	34
4.1	Caracterização das graduandas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN-2023	34
4.2	Universidade: Ingresso e alteração na rotina.....	41
4.3	Como as graduandas gerenciam o tempo para conciliar as responsabilidades.....	47
4.4	Desafios e fontes de estresse	50
4.5	Universidade e satisfação geral das graduandas.....	55

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNDICE	66

1 INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa

Desde os primórdios da civilização, as mulheres estiveram voltadas aos papéis de esposas e mães, o que as confinava ao ambiente doméstico. Isso deu origem ao modelo de família tradicional, no qual as mulheres eram responsáveis pelos afazeres domésticos, cuidando dos filhos e maridos, enquanto os homens eram considerados chefes de família e sustentavam financeiramente o lar.

De acordo com Ramos (2015), na medida em que o capitalismo começou a dominar o processo de trabalho, a relação do capital com o trabalhador passou a influenciar no papel de cada indivíduo na família. Foi então que o papel da mulher passou por mudanças significativas permitindo sua inserção no mercado de trabalho. As mulheres começaram a serem vistas nas indústrias, principalmente nas têxteis, voltadas a trabalhos antes já feitos no seu próprio lar, como costuras. Assim, as mulheres passaram a ser submetidas a dupla jornada de trabalho, pois mesmo com várias horas do dia dedicado ao trabalho nas indústrias, os afazeres domésticos continuavam sendo sua obrigação.

No Brasil, com o processo de acumulação flexível, observou-se mudanças na participação das mulheres no mercado de trabalho, Ramos (2015). Os dados do IBGE mostram que, a População Economicamente Ativa (PEA) feminina aumentou, e a taxa de atividade feminina passou de 18,4% no ano de 1970 para 26,9% no ano de 1980 (Ramos, 2015, p. 206). No entanto, o aumento da participação do trabalho feminino foi caracterizado por desigualdades nas condições sociais, e com a divisão sexual do trabalho, as mulheres passaram a dividir seu tempo entre o trabalho produtivo (remunerado) e o trabalho reprodutivo (subsidiando esposos/filhos e atuando como donas de casa), enquanto os homens exerciam apenas o trabalho produtivo.

Depois de anos lutando por direitos e melhores oportunidades, é evidente a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho em diferentes ocupações. As transformações políticas, econômicas e sociais que ocorreram ao longo do tempo, refletiram em mudanças importantes para as mulheres, principalmente, no que se refere a planejamento familiar, aumento da escolaridade, permanência no mercado de trabalho e ocupações em cargos de chefias. A presença feminina tem sido vista como importante para o desenvolvimento econômico, pois segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), ao longo de oito anos, o

Brasil poderá expandir sua economia em até R\$ 382 bilhões se aumentar a inserção das mulheres no mercado de trabalho, em um quarto, até 2025 (Wentzel, 2017).

Mesmo diante de uma herança desigual, tendo o acesso às escolas depois que os homens, as mulheres têm se tornado referência em se tratando de qualificação, já que de acordo com a pesquisa do IBGE (2021) – “Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil” -, o público feminino é maioria no ensino superior. Em 2019, no grupo com 25 anos ou mais de idade, que tinham ensino superior completo, 19,4% eram mulheres e 15,1% homens (IBGE, 2021, p. 5). Contudo, mesmo com esses avanços ainda existe muita desigualdade entre homens e mulheres em diversos aspectos. Em relação ao salário, a diferença é alta, além do fato da dupla jornada onde dados de 2019 mostram que, [...] “no Brasil, as mulheres dedicaram aos cuidados de pessoas ou afazeres domésticos, quase o dobro de tempo que os homens, 21,4 horas contra 11,0 horas” (IBGE, 2021, p. 3). O fato é que, a necessidade de um trabalho para garantir renda, de se qualificar para se inserir no mercado de trabalho cada vez mais exigente, faz com que muitas mulheres tenham que enfrentarem dupla, ou até mesmo, uma tripla jornada diária que envolve responsabilidades acadêmicas, familiares e sociais.

Foi diante dessa realidade que surgiu o interesse em aprofundar estudo sobre essa temática, e a pesquisa se concentrou em explorar as complexas dinâmicas sociais vivenciadas pelas estudantes do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN, a partir da pergunta central: Como as graduandas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN conciliam suas responsabilidades acadêmicas, familiares e sociais?

Para guiar a pesquisa, foram formuladas algumas questões específicas:

- Quem são essas mulheres/graduandas e qual é o perfil delas?
- Essas alunas estão empregadas, seja de forma formal ou informal?
- Como as alunas organizam seu tempo para conciliar estudos, atividades acadêmicas e outras responsabilidades? Quais os principais desafios?
- Recebem algum tipo de auxílio de familiares, amigos ou outras fontes?
- Que estratégias são adotadas para equilibrar as diversas demandas?
- Como o equilíbrio entre responsabilidades acadêmicas, familiares e sociais afeta o bem-estar emocional e a satisfação geral das graduandas no curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN?

Essa pesquisa oferecerá várias contribuições significativas, incluindo uma melhor compreensão das dinâmicas sociais das alunas do curso de Ciências Econômicas do campus da UERN em Pau dos Ferros. Ela revelará as estratégias de conciliação utilizadas pelas estudantes, identificação de necessidades de apoio que podem facilitar a proposição de políticas inclusivas e contribuirá para estudos relacionados a gênero e equidade no mercado de trabalho.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

- Investigar as dinâmicas sociais vivenciadas pelas mulheres em formação no curso de Ciências Econômicas da UERN, campus de Pau dos Ferros, com objetivo de descrever como essas alunas conseguem conciliar suas obrigações acadêmicas, familiares e sociais.

1.2.2 Objetivos específicos

- Traçar o perfil das alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN, considerando: à faixa etária, estado civil, presença de filhos e outras características importantes.
- Identificar as diferentes ocupações e tipos de trabalho das alunas, incluindo trabalho formal e informal, e sua relação com o equilíbrio entre responsabilidades
- Investigar as estratégias de gerenciamento de tempo adotadas pelas alunas para conciliar suas responsabilidades acadêmicas, familiares e sociais, os principais desafios, tipos de apoio e recursos (financeiros) que elas procuram ou recebem para auxiliá-las a conciliar suas muitas responsabilidades
- Analisar como o equilíbrio entre responsabilidades acadêmicas, familiares e sociais afetam o bem-estar emocional e a satisfação geral das alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN.

1.3 Metodologia

O método de pesquisa adotado para o estudo, cujo objetivo é explorar as complexas dinâmicas sociais vivenciadas pelas mulheres em formação no curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN – 2023, e descrever como elas conseguem conciliar suas obrigações acadêmicas, familiares e sociais, foi o misto, quali-quantitativo, considerando o abordado por Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 550), que a finalidade de tal método, “[...] é obter uma “fotografia” mais completa do fenômeno”. Nesse sentido, foi necessário além de pesquisa bibliográfica, realizar um trabalho de campo. Foi importante também a observação participante da autora, já que é estudante do 10º período do referido curso.

Considerando a proposta, pode-se caracterizar o estudo como exploratório e descritivo, já que não existe na história do curso, um trabalho com essa abordagem e recorte. Esse tipo de pesquisa busca explorar um assunto pouco explorado. Para Gil (2002, p. 41), “[...] as pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando mais explícito para construir hipóteses”.

Quanto aos procedimentos, iniciou-se pela pesquisa bibliográfica no momento da elaboração do projeto de pesquisa (semestre 2023.1), e seguiu com fins de aprofundar a temática, contribuindo com a análise das informações coletadas em campo. Já a pesquisa empírica, ocorreu nos meses de outubro e novembro de 2023, semestre 2023.2. A observação participante ocorreu diariamente, durante o curso das aulas.

Segundo informações do Departamento de Economia (DEC/CAPF/UERN, 2023), o curso possui 58 mulheres (público-alvo) matriculadas no semestre 2023.2. No período escolhido para a coleta de campo, 44 alunas responderam ao questionário, o que corresponde a 75% das matriculadas no período, as demais não foram encontradas no momento da pesquisa.

Os dados foram organizados e apresentados no formato de mapas mentais, em gráficos, tabelas, figuras mapas.

Na sequência, o detalhamento do processo da pesquisa.

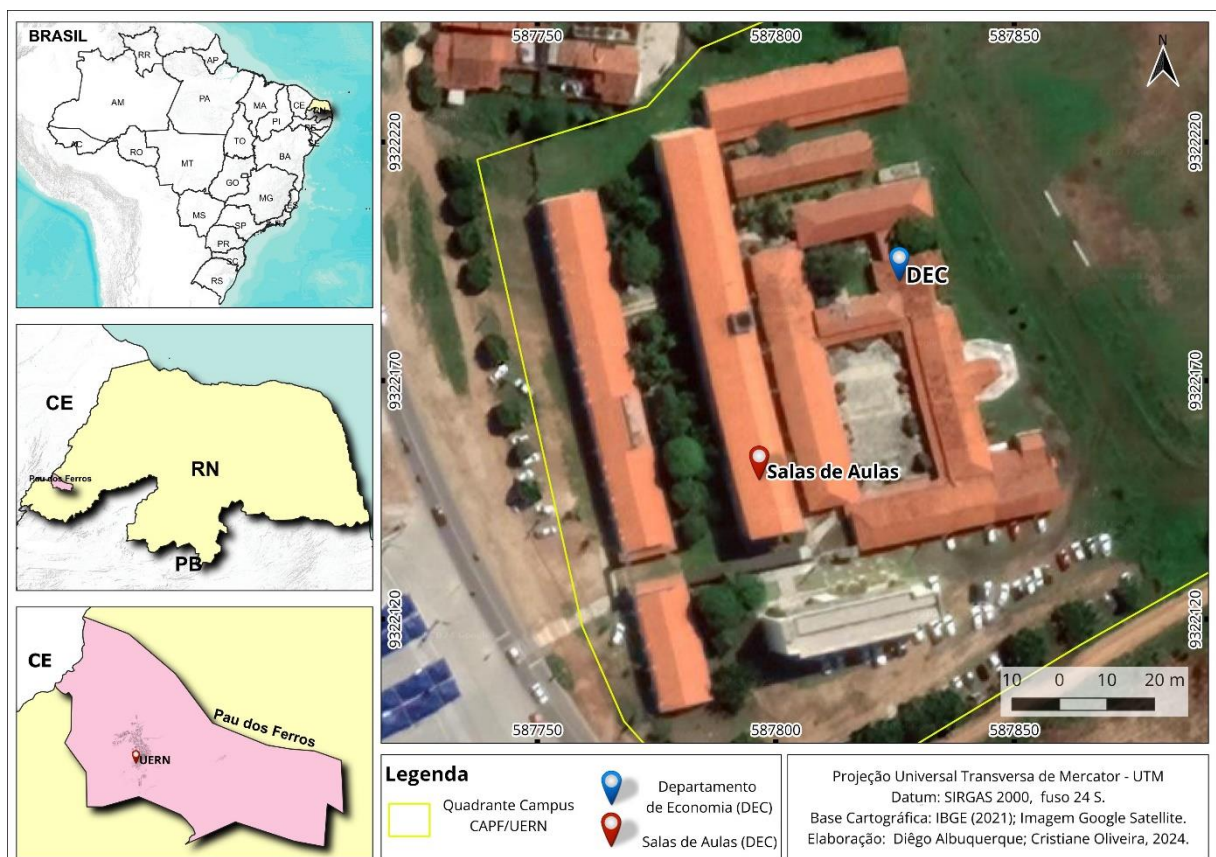
1.3.1 Apresentação da área de estudo

A pesquisa foi conduzida no curso de Ciências Econômicas da UERN, Campus de Pau dos Ferros-RN, localizado no Alto Oeste Potiguar, interior do Rio Grande do

Norte. De acordo com os dados do IBGE (2023), censo de 2022, o município de Pau dos Ferros-RN tem uma área territorial de 259.956 km² (IBGE, 2023); uma população residente de 30.479 habitantes e apresenta um PIB per capita de R\$ 23.028,8. Trata-se de uma cidade Polo, onde se concentra um forte comércio que atrai população das áreas circunvizinhas todos os dias, também concentra universidades públicas e privadas.

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) do Campus Avançado de Pau dos Ferros-RN, funciona desde 1977 e é um instrumento de forte formação na região do Alto Oeste Potiguar e de outros estados, como o Ceará-CE. A universidade oferta variados cursos de graduação, além de possuir programas de pós-graduação lato e stricto sensu. A Universidade é referência em ensino superior de qualidade (PPC/DEC, 2021).

Mapa 1- Curso de Ciências Econômicas da UERN, campus de Pau dos Ferros (RN) - 2023.



Fonte: Pesquisa de campo, 2023.

O curso de Ciências Econômicas ofertado pela UERN, Campus de Pau dos Ferros-RN, é um curso de Bacharelado com modalidade presencial e funciona no

turno noturno. O curso tem como objetivo formar profissionais de nível superior comprometidos com o estudo da realidade socioeconômica do Brasil. Foi um curso criado como uma extensão do que era ofertado no Campus Central, e atualmente, conta com um corpo docente de 10 professores, em sua maioria doutores (PPC/DEC, 2021).

Considerando o estabelecido na pesquisa, o público-alvo foram as alunas do curso matriculadas no semestre 2023.2.

Abaixo, fotografias da galeria de aulas do Campus da UERN em Pau dos Ferros/RN, onde se encontram as salas de aula do curso de Ciências Econômicas.

Fotografia 1: Galeria: salas de aula do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN-2023



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023.

1.3.2 Procedimentos do campo e enfoque da pesquisa

A pesquisa explorou as complexas dinâmicas sociais vivenciadas pelas mulheres em formação no curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN, para isso foi necessário traçar o perfil das alunas, investigar as diferentes ocupações/tipos de trabalhos; motivações para o ingresso na universidade; as estratégias; e os principais desafios enfrentados, e como eles afetam o bem-estar emocional desse público.

O instrumento de coleta dos dados utilizado na pesquisa foi um questionário contendo 21 perguntas, todas de assinalar, sendo algumas de múltipla escolha. As perguntas foram elaboradas sobre o que se pretendia estudar afim de alcançar os objetivos da pesquisa. O roteiro do questionário foi elaborado considerando as perguntas desdobramento.

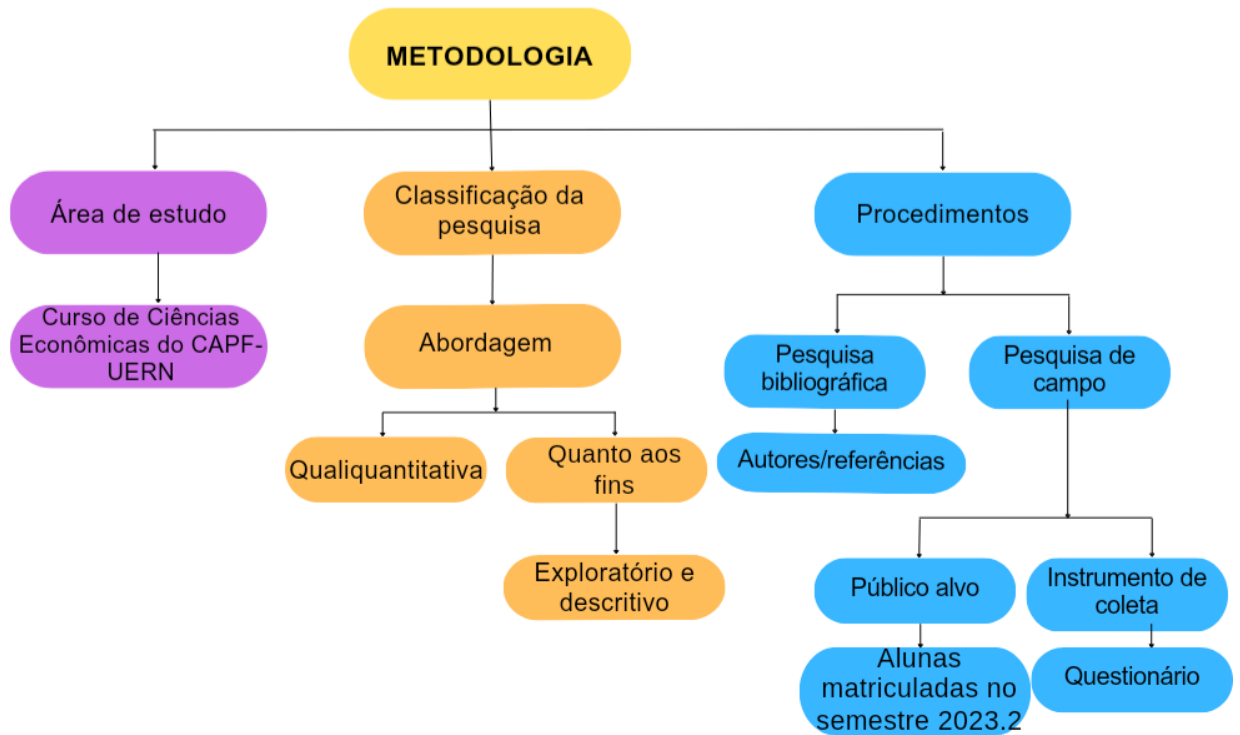
Responderam ao questionário 44 alunas, distribuídas nos seguintes períodos curso: 8 alunas do 2º período, 13 alunas do 4º período, 7 alunas do 6º período, 7 alunas do 8º período e 9 alunas do 10º período, cujas informações auxiliaram na temática investigada, permitindo chegar aos resultados.

A pesquisa ocorreu entre os dias 24/10/2023 e 09/11/2023. O contato com as alunas se deu de forma presencial, mediante entrega do questionário de sala em sala. Todas as alunas às quais foi solicitada a participação na pesquisa concordaram e assinaram o termo de consentimento. O nome das alunas não foi identificado neste trabalho, foi mantido o anonimato. Para divulgação dos resultados foram elaborados códigos, sendo utilizados da seguinte maneira: ALU1, para exemplificar a aluna 1, e assim sucessivamente, seguindo a ordem em que os questionários foram aplicados.

A organização ocorreu em blocos distintos: o primeiro, focou na caracterização das alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF-UERN; o segundo abordou a universidade, o ingresso e as alterações na rotina das alunas; o terceiro teve como objetivo identificar como as alunas se organizam para conciliar ensino superior com outras responsabilidades; o quarto explorou os tipos de suporte e ajuda que as alunas têm disponíveis; o quinto, foi voltado aos desafios e fontes de estresse que as alunas enfrentam; e o último bloco, teve como objetivo avaliar se as alunas já consideram a possibilidade de desistir do curso devido a outras responsabilidades e, ao mesmo tempo, como as alunas avaliam o equilíbrio entre vida pessoal e profissional, tanto para homens quanto mulheres.

A figura a seguir é uma sistematização da metodologia utilizada no trabalho:

Figura 1 – Esquematização da metodologia do trabalho.



Fonte: Elaboração pela autora.

2 TRAJETÓRIA DAS MULHERES E A CONQUISTA DE DIREITOS: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Nas últimas décadas, observou-se um crescente avanço na conquista de espaço pelas mulheres na sociedade; no entanto, essa trajetória nem sempre foi marcada por progressos. Ao longo da história, a figura feminina desempenhou papéis distintos da figura masculina, tanto no contexto familiar como no social. Aos homens foram associadas as funções de provedor e de comando do lar, enquanto as mulheres foram designadas os papéis de procriação e cuidados com o lar.

[...] assim, desde a antiguidade, à medida que o homem passa a exercer a função de agente externo às práticas do lar, a mulher ficou ligada à naturalidade da gestação e aos cuidados com os filhos, sendo pressionadas a se recolher às atividades domésticas (Cruz, 2013, p. 5).

Contudo, ainda que as mulheres encontrem muitas barreiras que dificultem a igualdade de gênero, é notório, nos últimos anos, através de suas lutas, que elas conquistaram direitos fundamentais que permitiram uma maior inserção na política, na economia e na sociedade como um todo.

Por isso, é importante analisar o papel das mulheres em diferentes épocas da história, evolução e conquistas, bem como compreender sua trajetória marcada por lutas e dificuldades. Borges, Lapalli e Amaral (2020) argumentam que nos períodos pré-históricos, paleolítico e neolítico, as mulheres eram bem-vistas na sociedade, elas tinham papéis de destaque. No entanto, com o passar dos anos, isso foi perdido devido à imposição de doutrinas (religiosas principalmente), que consideravam o homem como figura mais importante e a mulher como sexo "frágil". Diante desse contexto, as mulheres passaram a enfrentar condições desfavoráveis e, frequentemente, reduzidas a simples instrumentos de reprodução.

No período paleolítico, as mulheres ocupavam um papel importante na sociedade, isso porque, na época, acreditavam que a reprodução era um privilégio divino. De acordo com a pesquisa de Borges, Lapalli e Amaral (2020), as mulheres desempenhavam um papel ativo na fabricação de instrumentos, na caça de animais e na coleta de alimentos para garantir a sobrevivência da comunidade. Assim, homens e mulheres viviam harmoniosamente, ambos caçadores e coletores, e não havia transmissão de poder.

No período neolítico, as mulheres também tiveram papel relevante. Childe (1997) expõe que a presença feminina foi muito importante para que ocorressem

todas as invenções desse período. Elas contribuíram para a descoberta de métodos de cultivo, como também para a invenção de ferramentas para armazenar a colheita. Fernandes (2018) explica que o trabalho das mulheres era natural nas sociedades agrícolas. No entanto, embora homens e mulheres executassem trabalhos iguais, já existia uma divisão de trabalho, onde as mulheres cuidavam da colheita, da produção de alimentos e das vestimentas; e os homens ficavam responsáveis pelo plantio e pela comercialização do produto.

Com a chegada da Idade Antiga (3500 a.C-476 d.C.), as mulheres começaram a perder espaço na sociedade, papéis foram alterados, conforme descreveram Borges, Lapalli e Amaral (2020), isso em razão de uma expansão da religião hebraica, que estabeleceu o casamento como uma instituição útil e centrou o culto à figura masculina. Diante disso, as mulheres passaram a ser educadas para servir ao lar e à família, o que as distanciou de outras funções sociais.

Cruz (2013) ressaltou que,

A Igreja restringia a atuação da mulher na sociedade, fortalecendo o papel do homem e exercendo o controle sobre sua sexualidade. A figura feminina foi convertida em objeto de perdição limitada ao espaço privado da vida. Dessa forma, a Igreja enquanto instituição hegemônica, teve papel importante na consolidação do estereótipo do modelo comportamental feminino na sociedade (Cruz, 2013, p. 8).

Borges, Lapalli e Amaral (2020) explicam que, na Idade Média (476 - 1453), as mulheres já eram muito desvalorizadas, a figura do homem era a que preponderava na sociedade. Contudo, esse período foi marcado por guerras e doenças que diminuíram a expectativa de vida, principalmente dos homens, o que fez com que as mulheres ficassem viúvas e assim tivessem que trabalhar fora para criarem os filhos. Foi a partir desse momento que as mulheres passaram a ter maior aceitação em algumas áreas de trabalho. Por esta razão, “[...] no fim da Idade Média as mulheres já começaram a desempenhar atividades nos burgos e muitas já eram aceitas em corporações de ofícios” (Fernandes, 2018, p. 10).

Durante a transição da Idade Média para a Idade Moderna (1453-1789), as mulheres começaram a adquirir uma presença maior, embora ainda fosse inferior à dos homens. Isso ocorreu, em parte, por conta da intensificação do comércio e à evolução do sistema feudal. Conforme observado por Borges, Lapalli e Amaral (2020), a contribuição da mão de obra feminina passou a desempenhar um papel importante nesse período. Ainda que as condições de trabalho fossem desiguais, e elas

ocupassem posições de menos destaque, essa inserção da mão de obra feminina contribuiu para que elas pudessem desenvolver outras atividades, não se limitando apenas ao lar.

Com a Revolução Industrial que ocorreu a partir da segunda metade do século XVIII, na Inglaterra, a carência de mão de obra cresceu, levando muitas mulheres a trabalharem nas fábricas; no entanto, elas realizavam as atividades precárias e de menor valor. “Desta forma, a subvalorização do trabalho feminino não ocorreu pelo fato de a mulher ingressar posteriormente nos postos de trabalho das fábricas, mas sim por uma dinâmica de divisão de tarefas” (Fernandes, 2018, p. 11). Devido os baixos salários, as mulheres tornaram-se uma opção mais atrativa para as fábricas, especialmente na indústria têxtil.

A partir da Revolução Francesa (1789-1799), considerada um marco importante na história, direitos sociais foram concedidos às mulheres a partir da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, conforme destacado por Fernandes (2018). Assim, mesmo que o direito ao voto feminino não tenha sido incluído, as mulheres começaram a conquistar direitos com relação a testamento e divórcio.

Fernandes (2018) expõe que,

Não obstante, as mulheres conquistaram, ainda que de modo mitigado, importantes direitos que vão desde a equiparação da maioridade civil até novas regras sobre estado civil e divórcio. Não menos relevante foi a conscientização das mulheres sobre a sua capacidade de reivindicar o acolhimento de pautas igualitárias e ocupação de espaços sociais ainda reservados exclusivamente aos homens (Fernandes, 2018, p. 11).

No Brasil, conforme observado por Fernandes (2018), é importante destacar as influências das ideias iluministas da Revolução Francesa, que desempenharam um papel importante na luta das mulheres por igualdade de direitos, bem mais tarde se comparado com os países europeus.

No período que abrange de 1500 a 1822, conhecido como o Período Colonial brasileiro, “[...] a cultura patriarcal predominou, impondo restrições sociais às mulheres de todas as classes”, como observado por Fernandes (2018, p. 15). Oliveira (2017) argumenta que no período Colonial brasileiro a mulher estava sempre atrás em relação ao homem, tanto socialmente como economicamente. A cultura patriarcal dominante considerava os homens os únicos sujeitos capazes. “No Brasil colonial, a diferenciação parecia estar em todas as esferas, desde o modo de se trajarem até nos tipos que se estabeleciam” (Oliveira, 2017, p. 4).

Silva e Castilho (2014) expõem que,

No período Colonial brasileiro as mulheres eram peças fundamentais para a construção da nova terra, porém a elas foi relegado um papel secundário ou quase invisível ao meio social. O cotidiano feminino era marcado por rígido controle e a mentalidade da época era impregnada de mitos e superstições (Silva; Castilho, 2014, p. 1).

Saffioti (1976) descreve a condição das mulheres brancas durante a época colonial como submissa ao domínio patriarcal e que ocupavam uma posição de inferioridade em relação aos homens. Nesse contexto, ficavam sujeitas à autoridade masculina, seja do pai ou do marido. O casamento ocorria muito cedo, e era comum que, aos quinze anos, muitas mulheres já estivessem casadas e fossem mães. Eram "[...] educadas em ambientes rigorosamente patriarcais, essas meninas/mães escapavam do domínio do pai para, com o casamento, caírem na esfera de domínio do marido" (Saffioti, 1976, p. 91). O autor destaca que o processo de socialização das mulheres as encaminhava para a submissão, que era ensinado que elas deveriam se casar com um homem escolhido por seu pai.

Na época, as mulheres brancas e negras viviam em situações diferentes, argumenta Saffioti (1976). Ele relata que as mulheres brancas casavam cedo e seu cotidiano era em casa, cuidando do lar e dos filhos, além de exercerem um importante papel na supervisão das atividades do lar. As atividades que exerciam eram ligadas a costura, bordado, tecelagem e cuidados com jardins. Estavam sempre bem-vestidas e raramente saíam nas ruas, apenas para a igreja e sempre acompanhadas, demonstrando submissão ao seu pai ou marido. Já as mulheres negras, por sua vez, enfrentavam situações precárias, eram utilizadas como mão de obra escrava e estavam sujeitas ao prazer sexual de seus senhores.

Com a vinda da Corte portuguesa para o Brasil, começaram a surgir algumas, ainda que poucas, oportunidades de instrução para as mulheres. Saffioti (1976) descreve que, "[...] tratava-se, na época, de senhoras portuguesas e francesas ensinando costura e bordado, religião e rudimentos da aritmética e da língua nacional às moças que recebiam em suas casas como pensionistas" (Saffioti, 1976, p. 104). É a vinda dessas senhoras que, já influenciadas pelas ideias da Revolução Francesa, começaram promover mudanças na realidade das mulheres brasileiras no período Imperial (1822-1889).

Saffioti (1976) relata que começaram a surgir os primeiros colégios que as mulheres podiam frequentar, embora ainda fossem poucos. As escolas eram poucas,

não estavam ao alcance de todas as mulheres e o número de professoras era muito pequeno. O fato é que durante "[...] o império figuraria ainda, ao lado de uma inferioridade qualitativa do ensino feminino, uma inferioridade numérica das escolas e, conseqüentemente, das educandas" (Saffioti, 1976, p.107). A permanência dos costumes patriarcais dificultava a presença das mulheres nas escolas. De acordo com o autor, "[...] Quando as filhas começavam a dominar os trabalhos nas agulhas, os pais à tiravam das escolas, impedindo-as de aprenderem as primeiras letras" (Saffioti, 1976, p. 105).

Nesse período, as mulheres passaram a ter uma realidade um pouco diferente, relata Saffioti (1976). Apesar da precariedade das condições materiais e intelectuais da época, a implantação de escolas femininas continuou e representava uma grande oportunidade para as mulheres. "Aos poucos, a mulher saiu da domesticidade e integrou-se finalmente na sociedade, a princípio como escritora ou professora. Em fins do século XIX, o Brasil já possuía mulheres que sabiam ler e escrever [...]" (Oliveira, 2017, p. 4).

O surgimento da escola normal desempenhou um papel importante para as mulheres que desejavam uma profissionalização. No entanto, como argumenta Saffioti (1976), a sociedade ainda encontrava forte oposição devido à constante influência das ideias conservadoras da igreja. Segundo o autor, a Igreja Católica era uma instituição que tinha muito poder na época e representava o pensamento conservador que tentava preservar a estrutura patriarcal na família que trazia diferenças entre homens e mulheres. Quando as ideias liberais começaram a chegar no Brasil, passou-se a acreditar que a solução capaz de permitir a recuperação do atraso na história das mulheres seria a educação. Com isso, as ideias transmitidas pela igreja começaram a perder espaço, e os pensamentos liberais começaram expandir.

Com o estabelecimento da República (1889), "[...] consagrava-se o princípio da laicidade do ensino, libertando assim formalmente a instrução oficial das amarras da Igreja Católica" (Saffioti, 1976, p.117). A partir desse momento, as mulheres passaram a desenvolver movimentos feministas em busca de condições sociais equiparadas às dos homens.

Com o estabelecimento da República, as reivindicações pelo direito ao voto feminino foram ganhando força. A partir desse momento, as mulheres começaram a perceber que poderiam transformar o cenário de desigualdade em que estavam inseridas (Fernandes, 2018, p.15).

Além disso, o desenvolvimento da indústria ocasionou precarização laboral, principalmente para as mulheres que estavam sujeitas a situações menos valorizadas. É nesse contexto de precarização que surge leis em proteção às mulheres (Fernandes, 2018).

Se para os homens, a chegada da indústria ocasionou a precarização das condições de trabalho, para as mulheres a situação foi ainda mais difícil. Além de estarem destinadas ao exercício de atividades menos valorizadas, realizadas em sua maioria em ambientes com pouca higiene, as mulheres não recebiam qualquer proteção no período da gestação ou lactação. Neste período, elas trabalhavam em jornadas cansativas de até 16 horas por dia, com baixos salários, e tinham que conciliar o trabalho nas fábricas com as tarefas de mãe e esposa (Fernandes, 2018, p.12).

Fernandes (2018) relata que com o passar dos anos, as mulheres de classe alta, motivadas pela ideia de igualdade, começaram a lutar para terem os mesmos direitos que os homens, foi então que alguns direitos trabalhistas começaram a ser conquistados pelas mulheres.

No Brasil, a proteção ao trabalho feminino teve início com o Decreto 21.417 de 1932, e dois anos depois, a proteção ganhou status constitucional. A Constituição de 1934 foi a primeira a tratar da igualdade entre os gêneros no âmbito laboral. Desde então, as Constituições brasileiras sempre avançaram na promoção da igualdade entre os gêneros, principalmente na esfera trabalhista (Fernandes, 2018, p. 77).

Os autores citados têm analisado que a chegada do capitalismo industrial com mudanças ocorridas na estrutura de produção, influenciou diretamente as condições de trabalho. As mulheres, que se dedicavam apenas às atividades domésticas, começaram a exercer também o trabalho produtivo, sendo que, a maioria delas, conciliando múltiplas tarefas. Ramos (2015, p. 207) expõe que "[...] as condições sociais das mulheres foram caracterizadas nas esferas reprodutivas e produtiva, o que as fez polivalentes, e ao mesmo tempo, fragilizadas, frente a exploração do capital, quando direcionadas ao ambiente produtivo".

Após séculos de dependência e subordinação, a sociedade passou por transformações profundas, permitindo às mulheres desempenhar papéis diferenciados, e até em alguns casos, cargos de chefia. Diante dos direitos conquistados, as mulheres puderam ocupar posições na sociedade, anteriormente exercidas pelos homens.

Na próxima seção, será discutido o capitalismo na contemporaneidade, a divisão sexual do trabalho na acumulação flexível, homens e mulheres no mercado de trabalho brasileiro.

3 HOMENS E MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO NO CONTEXTO DA ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL

Com a era industrial, mudaram aspectos culturais e o mercado de trabalho passou por mudanças significativas, que resultou na persistência, sobre novos moldes, da desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Hirata (2002), relembra que enquanto no “modelo tradicional” a mulher assumia o papel na família e doméstico, e o papel de “provedor” era atribuído ao homem, no “modelo de conciliação” cabe quase que apenas as mulheres conciliarem a vida familiar e vida profissional. São múltiplas as responsabilidades das mulheres (mães, esposas, donas de casas) e conciliar isso com uma vida profissional tem sido uns dos principais desafios enfrentados por elas no dia a dia.

Ao abordar a divisão sexual do trabalho no capitalismo, a autora afirmou que, “[...] é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos” (Hirata, 2007, p. 599). Ela ainda argumenta, que essa divisão “[...] tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado” (Hirata, 2007, p. 599).

Ramos (2015) também escreve sobre essa problemática e descreve que o posicionamento do homem e da mulher na sociedade capitalista se deu de forma diferenciada em relação ao trabalho. Assim, a estrutura de sujeição das mulheres em relação aos homens, que já existia, se conservou e serviu para distinção entre o trabalho feminino e masculino.

O sistema capitalista operou não só uma divisão social e técnica do trabalho, mas também uma divisão sexual do trabalho. Houve uma organização segmentada, que gerou hierarquia ocupacional entre sexos. A grande indústria ratificou a dominação existente na divisão social e técnica do trabalho, aguçando as diferenças de gênero (Ramos, 2015, p. 200).

A partir da década de 1970, com o processo de reestruturação produtiva, ocorreram transformações no mercado de trabalho, que alteraram a forma de ser da “classe trabalhadora”, conforme Antunes (1999). No contexto de crise, os modelos de produção taylorismo-fordismo, caracterizado por uma grande indústria concentrada, deu sinais de esgotamento isso alterou a dinâmica do processo de acumulação. Com isso, surgiu no Japão, uma nova forma de produção, mais avançada, conhecida como

Toyotismo. Tratou-se de movimento de “acumulação flexível”, caracterizada pela flexibilização da produção que adentrou em diversas partes do capitalismo e atingiu a classe trabalhadora fortemente. Desse modo, a mão de obra tornou-se cada vez mais heterogênea.

A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (Harvey, 1992, p. 140).

As mudanças nos padrões culturais que têm se intensificado desde a década de 1970 com o processo de acumulação flexível têm feito com que as mulheres não estejam apenas destinadas aos cuidados do lar, elas têm buscado se inserir no mercado de trabalho remunerado. Fernandes (2018, p. 36) relata que, diante desse cenário e da crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho, os afazeres domésticos, que geralmente ficam a cargo das mulheres, necessitaram ser conciliados com as rotinas do trabalho fora de casa. Assim, o equilíbrio entre essas duas jornadas ocasiona para as mulheres grandes renúncias e desafios, que de maneira inevitável trazem prejuízos. Levando em consideração que muitas das vezes elas renunciam a um trabalho fora de casa para se dedicarem à casa, esposo e filhos. As tarefas domésticas esperadas das mulheres permaneceram até a atualidade.

Além de conciliar trabalho produtivo com as atividades do lar, e até a maternidade torna ainda mais difícil o dia a dia para as mulheres, tendo em vista que os filhos exigem tempo e responsabilidades. Por esta razão, nas últimas décadas a taxa de fecundidade das mulheres tem diminuído, tendo em vista que o mercado de trabalho é ainda mais rigoroso para as mulheres que têm filhos.

Nesse contexto de recuperação do mercado de trabalho, a ampliação e a consolidação da participação plena das mulheres na atividade econômica vêm ocorrendo num processo lento e adverso, devido, de um lado, às limitações da recuperação do mercado de trabalho – consequência das restrições ao crescimento da economia e das dificuldades enfrentadas pela regulação pública do trabalho – e, de outro, às dificuldades na evolução da redefinição dos papéis masculino e feminino nas esferas doméstica e extra doméstica (Leone; Baltar, 2008, p. 247).

De acordo com Filsinger, Paula e Matta (2022), na atualidade as mulheres têm se inserido nos ambientes de trabalho e ocupam cargos que antes eram designados exclusivamente aos homens. No entanto, elas ainda passam por desafios no mercado

de trabalho, como a dificuldade em assumir cargos de chefia, desigualdade salarial etc.

Bruschini (2007) afirma que,

[...] a inserção laboral das brasileiras é marcada por progressos e atrasos. De um lado, a intensidade e a constância do aumento da participação feminina no mercado de trabalho, que tem ocorrido desde a metade dos anos 1970, de outro, a má qualidade do trabalho feminino; de um lado a conquista de bons empregos, o acesso a carreiras e profissões de prestígio e a cargos de gerência e mesmo diretoria, por parte de mulheres escolarizadas, de outro, o predomínio do trabalho feminino em atividades precárias e informais (Bruschini, 2017, p. 538).

No Brasil, a partir de 1990, conforme apresenta Antunes (2014), começa a vigorar o neoliberalismo que, aliado à flexibilização da produção, ampliou o processo de reestruturação produtiva a partir da adoção de novos padrões organizacionais e tecnológicos, novas formas de organização do trabalho e à introdução dos métodos participativos. Como ele afirmou: “A vigência do neoliberalismo, ou de políticas sob sua influência, propiciaram condições em grande medida favoráveis à adaptação diferenciada de elementos do Toyotismo no Ocidente” (Antunes, 2008, p. 48).

O novo modelo econômico fez surgir uma série de trabalhos precários, e tornou as relações trabalhistas mais flexíveis, promoveu o aumento do emprego informal da terceirização, a destruição de direitos trabalhistas e sociais. Essa nova forma de organização da produção e do mercado de trabalho tem explorado ainda mais o trabalhador, efetua a fragmentação, heterogeneidade e complexidades na classe trabalhadora, expõe Antunes (2008). Com isso, os trabalhadores tornam-se mais qualificados em alguns setores, e em outros desqualificados. Diante desse novo mundo do trabalho, percebe-se que o processo de qualificação tem ganhado atenção.

Antunes (2008) afirma que,

Criou-se, de um lado, em escala minoritária, o trabalhador “polivalente e multifuncional da era informacional, capaz de operar com máquinas com controle numérico e de, por vezes, exercitar com mais intensidade sua dimensão mais intelectual. E, de outro lado, há uma massa de trabalhadores precarizados, sem qualificação, que hoje está presenciando as formas de part-time, emprego temporário, parcial, ou então vivenciando o desemprego estrutural (Antunes, 2008, p. 49).

O enfraquecimento dos sindicatos e a mão de obra excedente tornaram as contratações mais flexíveis levando ao rápido crescimento de economias “informais”, como apresenta Harvey (1992). Nesse sentido, a acumulação flexível tornou ainda mais evidente a diferença entre trabalhadores do sexo masculino e feminino.

Na descrição de Hirata (2002), os homens e mulheres eram separados por setor de atividade, pela qualificação e pelo tipo de trabalho efetuado. Mesmo se as mulheres e os homens exercessem a mesma atividade, na indústria, como trabalhadores não qualificados, raramente teriam o mesmo tipo de tarefa. As mulheres efetuavam trabalhos simples, montagens leves, sob pressão de tempo e ritmo, seja pela linha de montagem ou pelos chefes, em ambiente limpo e tranquilo. Os homens, realizavam os trabalhos mais pesados, com grandes máquinas e em ambiente sujo. As atividades realizadas pelas operárias e pelos operários eram muito diferentes, assim como as habilidades adquiridas por eles. Como descreveu a autora: "[...] Enquanto as mulheres, na sua função, adquiriam habilidades manuais e submissão aos chefes, os homens adquiriam força física, aprendizado técnico e responsabilidade" (Hirata, 2002, p. 179).

E acrescenta:

Na divisão sexual do trabalho, operada pelo capital dentro do espaço fabril, geralmente as atividades de concepção ou aquelas baseadas em capital intensivo são preenchidas pelo trabalho masculino, enquanto aquelas dotadas de menor qualificação, mais elementares e frequentemente fundadas em trabalho intensivo, são destinadas às mulheres trabalhadoras (e, muito frequentemente também aos trabalhadores/as imigrantes e negros/as) (Antunes, 2008, p. 50).

De acordo com Santana e Ramalho (2004), o processo de reestruturação das atividades produtivas tem provocado um aumento significativo nos índices de produtividade e profundas alterações no relacionamento entre as empresas. "A exigência de maior competitividade vem introduzindo estratégias de racionalização e redução de custos, provocando sérias consequências para os níveis de emprego" (Santana; Ramalho, 2004, p. 9). Diante das novas mudanças, a insegurança passou a fazer parte da vida dos trabalhadores, pois os postos de trabalhos formais que garantiam estabilidade reduziram, e as formas precárias de trabalho surgiram com mais frequência.

Em se tratando das mulheres frente as novas transformações flexíveis, Harvey (1992) afirma

Mesmo que algumas mulheres e algumas minorias tenham tido acesso a posições mais privilegiadas, as novas condições do mercado de trabalho de maneira geral reacentuaram a vulnerabilidade dos grupos desprivilegiados (Harvey, 1992, p.145).

Diante da flexibilização do mercado de trabalho, as mulheres desligaram-se um pouco do ambiente doméstico para se ajustar às propostas capitalistas, começaram a trabalhar nas fábricas e a conciliar dupla jornada, tornando-se as principais vítimas do trabalho informal e temporário, expõe Harvey (1992). O surgimento das novas tecnologias substituiu a mão-de-obra não-qualificada por meios mais modernos, os quais afetaram principalmente o trabalho das mulheres. Como afirma Hirata (2002, p. 227), “[...] as fronteiras se deslocam, mas a divisão do trabalho se mantém”. “A mulher trabalhadora ainda realiza sua atividade laborativa duplamente, dentro e fora de casa, dentro e fora da fábrica. E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato laborativo, ela é duplamente explorada pelo capital” (Antunes, 2008, p. 50), pois mesmo exercendo horas no seu trabalho produtivo ela ainda dedica várias horas da sua vida privada para cuidar da casa, dos filhos, maridos e de si própria.

Harvey (1992), analisa a situação das mulheres e mostra que as novas estruturas do mercado de trabalho promoveram a exploração da força de trabalho das mulheres em ocupações de tempo parcial, o que levou à substituição de trabalhadores homens mais bem remunerados pelo trabalho feminino mal pago. Como também, facilitou o retorno dos sistemas de trabalho doméstico e familiar e a subcontratação, que permitiu o ressurgimento de práticas e trabalhos de cunho patriarcal feitos em casa. “A transição para a acumulação flexível foi marcada, na verdade, por uma revolução (de modo algum progressista) no papel das mulheres nos mercados e processos de trabalho” (Harvey, 1992, p. 146).

No caso brasileiro, as transformações no mercado de trabalho repercutiram no aumento da participação feminina no mercado de trabalho, contudo, coincide com o também aumento da precariedade do emprego. Antunes (2008) salienta que,

Sabe-se que esta expansão do trabalho feminino tem, entretanto, significado inverso quando se trata da temática salarial, onde a desigualdade salarial das mulheres contradita a sua crescente participação no mercado de trabalho. Seu percentual de remuneração é bem menor do que aquele auferido pelo trabalho masculino. O mesmo frequentemente ocorre no que concerne aos direitos e condições de trabalho (Antunes, 2008, p. 50).

De acordo com Costa et al (2008), ao mesmo tempo em que as transformações ocorridas com o processo de globalização e flexibilização promoveram maior participação das mulheres no mercado de trabalho, o trabalho feminino fora de casa era colocado em segundo plano, e estava relacionado aos trabalhos precários, de baixa remuneração.

Netto e Luz (2011) expõe que,

[...] a inserção feminina no mundo do trabalho aparece como um aspecto secundário no seu projeto de vida, como se possuísse um caráter extraordinário dada a impossibilidade de o homem ser centro dos proventos por algum motivo especial ou mesmo por sua ausência (Netto; Luz, 2011, p. 98).

Mesmo diante de uma herança desigual, marcada por dificuldades, o papel da mulher tem passado por transformações e avanços significativos tanto na área social como econômica e, portanto, fica evidente a sua maior inserção no mercado de trabalho nas últimas décadas. O estudo estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil, realizado pelo IBGE (2021), mostra que a taxa de participação das mulheres no mercado de trabalho tem crescido, atingindo em 2019, 54,5%. No entanto, esse número é bem inferior quando comparado ao dos homens que chega a 73,7% no mesmo período.

Nesse contexto, um dos fatores que tem ganhado destaque é a expansão da escolaridade feminina (Netto; Luz, 2011, p. 102), e tem sido a educação a principal estratégia para enfrentar desafios. O acesso às universidades tem sido favorável para as mulheres, contribuindo, ainda que de forma lenta, para sua maior participação no mercado de trabalho brasileiro. O levantamento realizado pelo IBGE (2021) revelou que, a proporção de pessoas com nível superior completo foi de 15,1% entre os homens e 19,4% entre as mulheres. No grupo entre 25 e 34 anos, 25,1% das mulheres possuíam nível superior completo, já os homens 18,3%, uma diferença de 6,8 pontos percentuais. No entanto, apesar de índices superiores aos dos homens em relação ao ensino superior, as mulheres enfrentam barreiras em áreas do conhecimento ligadas às ciências exatas, e são minoria entre os docentes de ensino superior, como mostra a pesquisa do IBGE (2021).

Mesmo buscando mais os estudos e sendo mais qualificadas que os homens, as mulheres ainda são minoria em cargos de chefia e ainda recebem um salário menor, mesmo que exerça a mesma função. A pesquisa do IBGE (2021), revelou que em 2019, as mulheres receberam 77,7% ou pouco mais de $\frac{3}{4}$ do rendimento dos homens. Com relação a cargos de direção e gerência, observa-se também a diferença, são grupos nos quais as mulheres receberam, respectivamente, 61,9% e 63,6% do rendimento dos homens.

As múltiplas desigualdades das mulheres em relação aos homens também se manifestam em outros aspectos. Elas são maioria em trabalhos não remunerados.

"No Brasil, em 2019, as mulheres dedicaram aos cuidados de pessoas ou afazeres domésticos quase o dobro de tempo que os homens (21,4 horas contra 11,0 horas)" (IBGE, 2021, p. 3). Isso explica sua participação no mercado de trabalho inferior à dos homens.

Ao considerarmos tanto o trabalho produtivo quanto o reprodutivo, é evidente que as mulheres possuem uma carga de trabalho maior. Elas frequentemente assumem a principal responsabilidade pelas tarefas domésticas, enquanto, na maioria dos casos, a contribuição dos homens é muito pequena. A mesma pesquisa mostrou que, "[...] em 2019, cerca de 1/3 das mulheres estavam ocupadas em tempo parcial - até 30 horas -, quase o dobro do verificado para os homens (15,6%)" (IBGE, 2021, p. 4). Essa sobrecarga de atividades acaba por atrapalhar as mulheres em seus planos profissionais.

Embora a Constituição de 1988 tenha introduzido mudanças significativas para combater a desigualdade de gênero e estabelecido a igualdade de direitos entre homens e mulheres, muitos obstáculos ainda continuam. O desenvolvimento de políticas públicas para auxiliar as mulheres nas dinâmicas sociais complexas e contribuir para sua maior participação no mercado de trabalho é uma das maneiras de proporcionar novas oportunidades para elas. Reduzir a desigualdade de gêneros no Brasil, para que homens e mulheres desfrutem dos mesmos direitos no mercado de trabalho, é um grande desafio a ser vencido.

4. DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA CONCILIAÇÃO DE RESPONSABILIDADES ACADÊMICAS FAMILIARES E SOCIAIS: UM OLHAR SOBRE AS GRADUANDAS DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DO CAPF/ UERN - RESULTADOS DO TRABALHO DE CAMPO

Nesta seção, apresenta-se os resultados da pesquisa empírica, o que inclui a descrição e análise de como as graduandas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN equilibram suas responsabilidades acadêmicas, familiares e sociais. Além de perfil, ocupações, desafios e dificuldades enfrentados explora-se as estratégias adotadas para conciliar o ensino superior com outras responsabilidades, bem como os recursos buscados para apoio. As alunas também avaliaram como as múltiplas responsabilidades podem afetar o emocional e a satisfação geral delas, e quais as principais fontes de estresse.

4.1 Caracterização das graduandas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN – 2023.

As informações adquiridas por meio da pesquisa de campo e da interação diária com as alunas do curso proporcionaram conhecer um pouco da realidade vivida pelas alunas do curso. O ponto de partida foi traçar o perfil, buscou-se, de início, investigar a faixa etária, estado civil, número de filhos e o total de residentes em suas moradias.

Ao analisar os dados da tabela 1, destaca-se que 59% das alunas têm idade entre 20 e 24 anos, 73% são solteiras, 93% não tem filhos, e quase 39% vivem em uma casa com 4 moradores, incluindo a própria aluna. Os resultados revelam que as estudantes do curso de economia do CAPF/UERN são a maioria um público jovem, solteiro, sem filhos e que compartilham a residência com, possivelmente, pais e irmãos.

Foi também identificado que 9% dessas mulheres têm mais de 30 anos, o que reflete uma realidade onde muitas mulheres que, possivelmente, não tiveram oportunidades de ingressar na universidade mais cedo. Isso pode incluir aquelas que já estão em busca de uma segunda graduação ou as que decidiram fazer um ensino superior depois do casamento, de terem filhos e de outras responsabilidades.

Tabela 1: Perfil das graduandas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN – 2023: dados relevantes

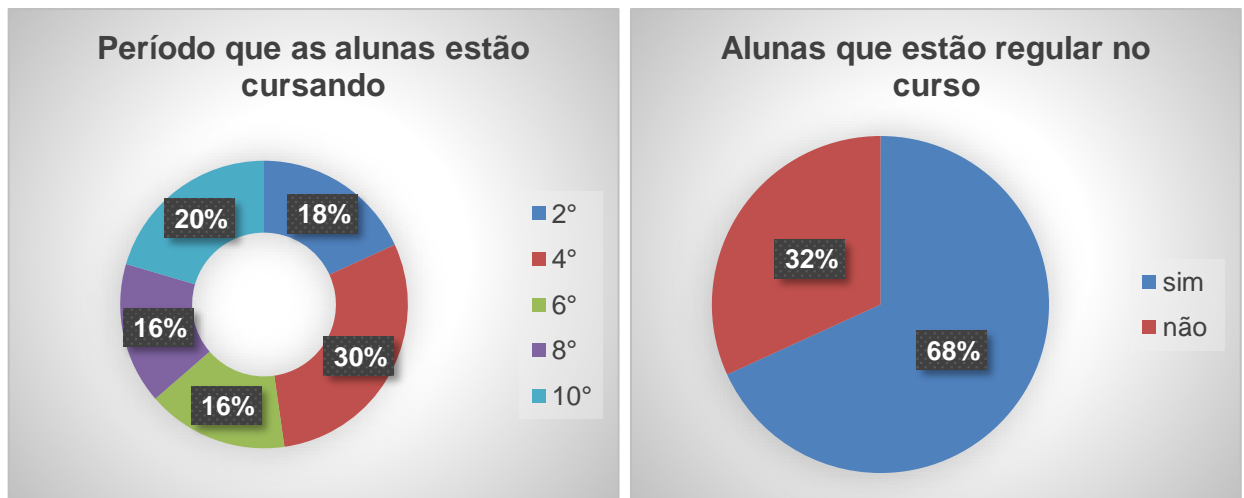
	Descrição	Número	%
Idade	menos de 20 anos.	7	16,00%
	20-24 anos.	26	59,00%
	25-29 anos	7	16,00%
	30-34 anos.	2	4,50%
	Mais de 34 anos	2	4,50%
Estado civil	Solteira	32	73%
	Casada	6	14%
	Separada/Divorciada	1	2%
	Viúva	0	0%
	União estável	5	11%
Número de filhos	Nenhum	41	93,2%
	1 filho	2	4,50%
	2 filhos	0	0
	3 filhos	1	2,3%
Total de residentes	1 pessoa	1	2,30%
	2 pessoas	10	22,70%
	3 pessoas	8	18,20%
	4 pessoas	17	38,60%
	5 pessoas ou mais	8	18,20%

Fonte: Pesquisa de campo (out./nov. 2023). Elaboração pela autora.

Quanto à maternidade, apenas 7% são mães. De acordo com a pesquisa do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2023) as dinâmicas familiares têm se modificado ao longo do tempo, possivelmente associadas, à maior inserção das mulheres no mercado de trabalho. Segundo os dados da PnadC trimestral, “[...] houve queda relativa do arranjo casal com filhos, que passou de 43,8% para 40,2%, entre os 3º trimestres de 2019 e de 2022. Os casais sem filhos saíram de 18,3% para 19,0% nesse mesmo período” (DIEESE, 2023, p. 4). Das três alunas do curso que têm filhos, uma é “mãe solteira”. Essa realidade reflete o vivido por muitas mulheres no Brasil. Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas referente a 2022, revela que 11 milhões de mulheres no Brasil criam sozinhas os filhos sem a ajuda do pai (FVG, 2022).

Além disso, outros dados foram considerados relevantes para traçar o perfil das alunas, incluindo os períodos que estão cursando e se estão regulares no curso. Confira os resultados apresentados nos gráficos a seguir.

Gráfico 1 – Situação acadêmica das alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN - 2023



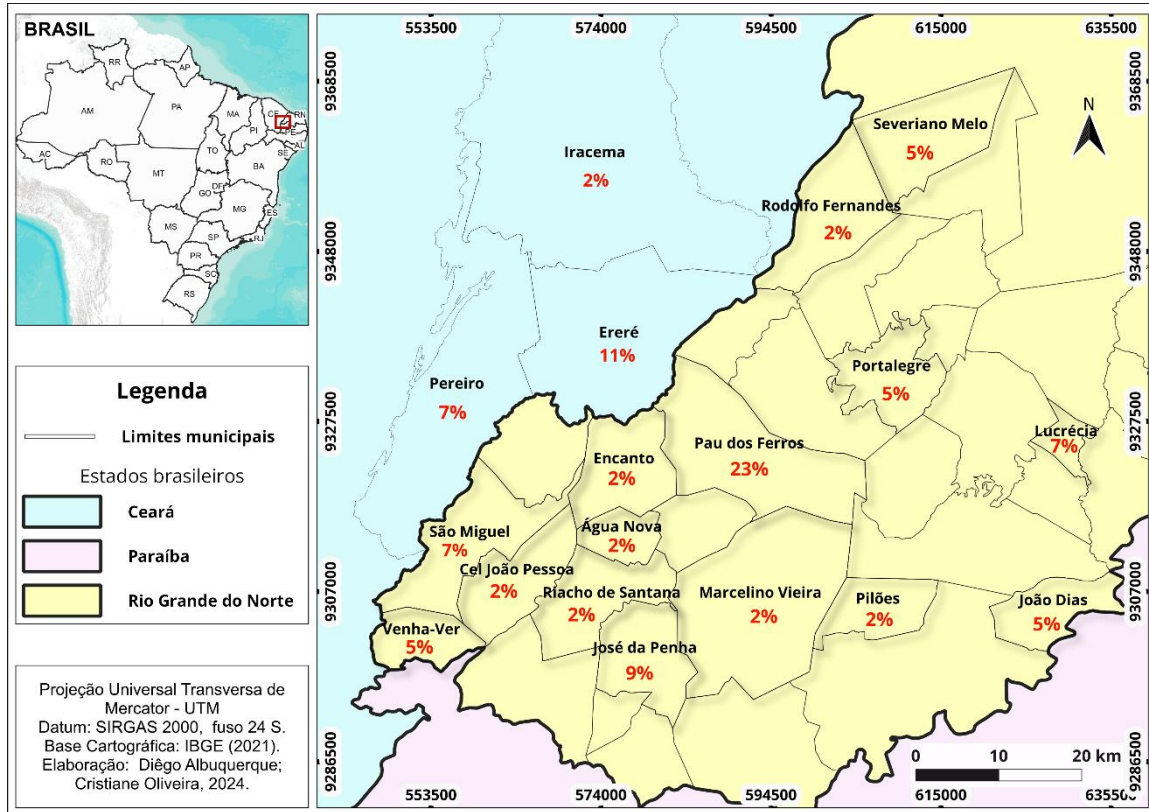
Fonte: Pesquisa de campo (out./nov. 2023). Elaboração pela autora.

Dessa forma, ao analisar os dados, observa-se a seguinte distribuição - semestre 2023.2: 30% estão cursando o 4º período; 20% estão cursando o 10º período; 18% estão cursando 2º período; 16% estão cursando o 6º período e 16% estão cursando o 8º período. Além disso, destaca-se que, do total de alunas que participaram da pesquisa, 68% estão regulares no curso. Este resultado reflete um percentual considerável de alunas desniveladas no curso, possivelmente associada às múltiplas demandas que precisam conciliar, impactando o desempenho acadêmico e, conseqüentemente, em reprovação.

Foi possível identificar que as alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF-UERN não residem apenas no município de Pau dos Ferros, elas vêm de várias cidades dos estados do Rio Grande do Norte e do Ceará. Ver o mapa 2 com os municípios onde as alunas residem.

Como demonstrado no mapa 2, 77% das alunas estão distribuídas por outros 17 municípios dos estados do RN e CE, enquanto 23% das alunas residem em Pau dos Ferros, onde está localizada a UERN. Isso mostra que a maioria das alunas enfrenta deslocamentos diários, no turno noturno e enfrentam uma jornada exaustiva que dura, 1 hora ou mais, tanto para ida quanto na volta para casa. Além disso, é fato que grande parte utiliza transportes públicos, como ônibus e vans, frequentemente lotados, poucos assentos, expondo-as a riscos como acidentes ou mesmo assaltos.

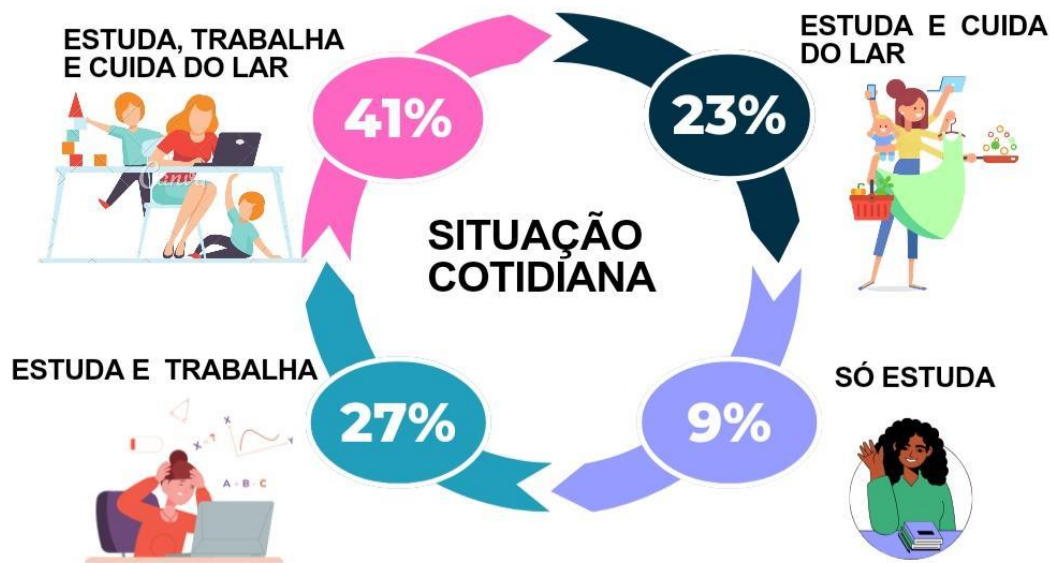
Mapa 2 - Distribuição geográfica das residências das alunas pesquisadas – curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN-2023



Fonte: Pesquisa de campo (2023)

Ademais, observa-se que mais de 90% das alunas do curso estão envolvidas com outras responsabilidades, enquanto 9% se dedicam exclusivamente aos estudos.

Figura 2 – Cotidiano das graduandas em Ciências Econômicas do CAPF/UERN – 2023.



Fonte: Pesquisa de campo (out./nov. 2023). Elaboração pela autora.

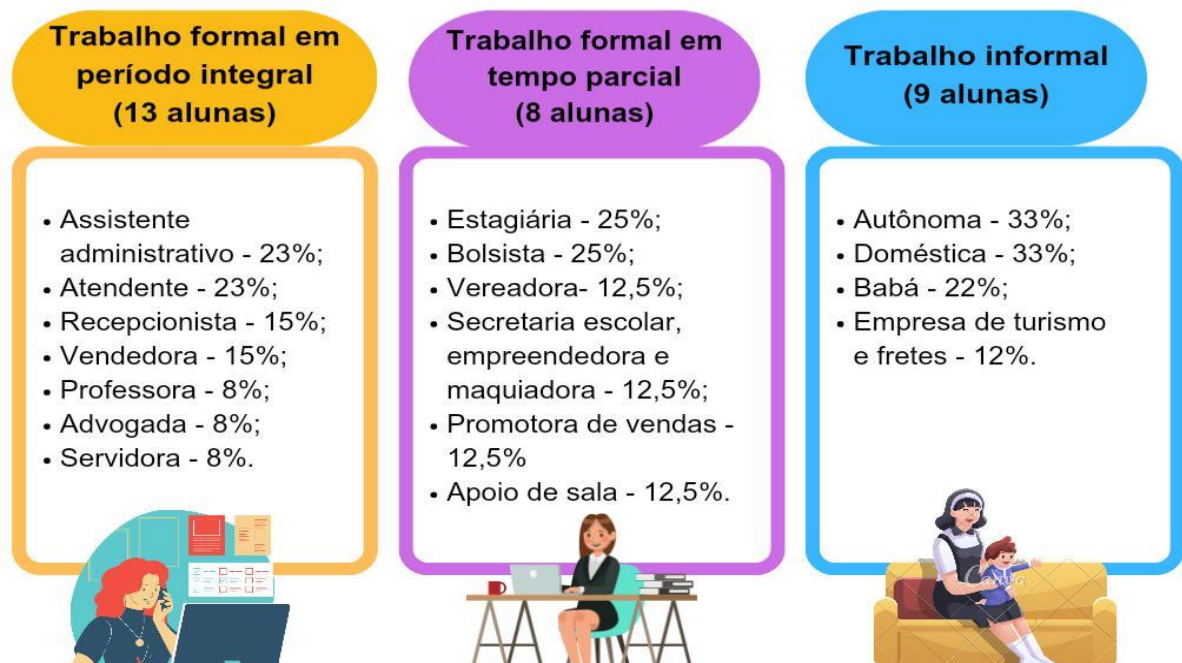
Frequentemente, elas renunciam ao tempo destinado às atividades acadêmicas devido à necessidade de trabalhar para garantir renda própria ou familiar, ou ainda a outras responsabilidades.

Com a pesquisa, foi possível perceber que a maioria das entrevistadas, 41%, está inserida na tripla jornada de trabalho (estudam, trabalham, cuidam do lar). Outras 50% das alunas conciliam dupla jornada de trabalho, sendo que 27% dividem o tempo entre as responsabilidades acadêmicas e um trabalho (formal ou informal), trabalham durante o dia e estudam a noite, enquanto 23% estudam e cuidam do lar. Conforme a figura acima, com a distribuição detalhada.

Em relação ao trabalho, observou-se que 68% das alunas (30 alunas dentre as pesquisadas), possuem um trabalho remunerado como atividade principal. Desse grupo, 30% têm um emprego formal em período integral, 18% estão empregadas em um trabalho formal em período parcial, e 20% trabalham informalmente.

Detalhes que envolvem ocupações podem ser vistos no mapa mental abaixo:

Figura 3 – Realidade do trabalho remunerado das alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN- 2023.



Fonte: pesquisa de campo (out/nov.2023): elaboração pela autora.

Ao observarmos os percentuais, ficou claro que as alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN estão inseridas em múltiplas responsabilidades sociais, reforçando a observação de Flack e Wagner (2020). Esses autores destacam que,

atualmente, os números de mulheres que trabalham fora de casa e que contribuem com a renda da família estão cada vez mais expressivos. Além das responsabilidades com a maternidade e trabalhos domésticos, muitas delas também se dedicam à busca por realização acadêmica e valorizam uma carreira profissional.

Observou-se que 20% das alunas estão envolvidas em trabalho informal e desempenham funções como doméstica (33%), babá (22%), em empresa de turismo e fretes (12%) e autônoma (33%). Bruschini (2007) destaca que as mulheres estão inseridas, muitas vezes, no mercado de trabalho informal, caracterizado por condições mais precárias e sem direitos trabalhistas.

A questão da informalidade presente no mundo do trabalho é resultado do processo de reestruturação produtiva, da globalização e competitividade, sendo ainda mais destacada quando se trata de mulheres. De acordo com os dados da OIT (2018), as mulheres são as principais ocupantes de trabalhos informais, que equivale a 42% e homens apenas 20%. Esse fenômeno pode estar associado ao trabalho reprodutivo que acaba sobrecarregando as mulheres.

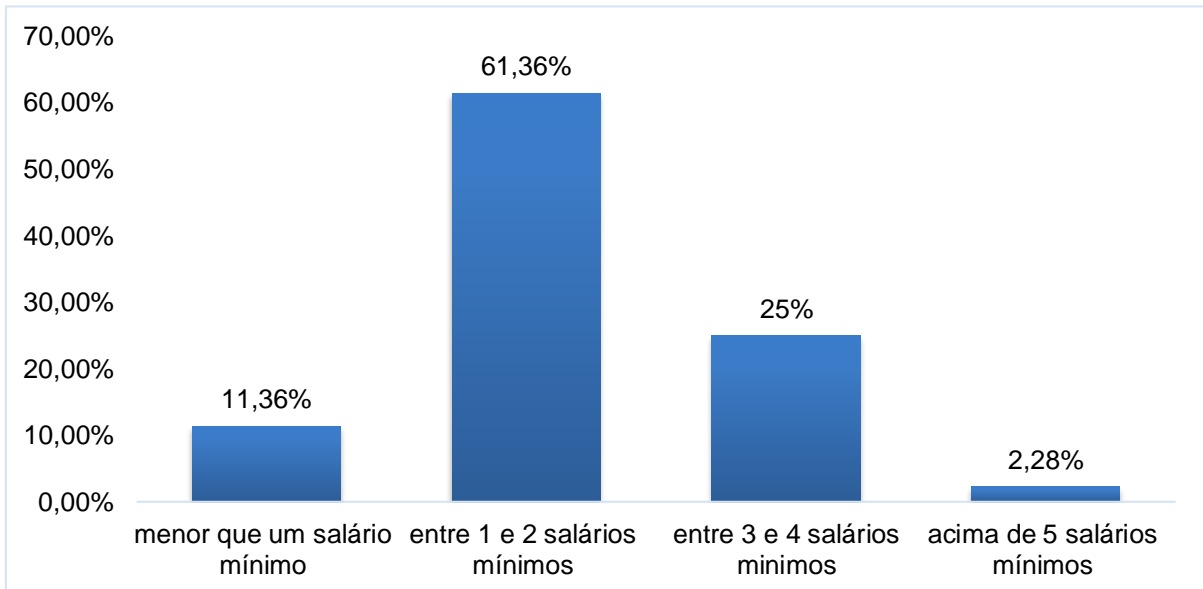
Observou-se também que 32% não possuem um trabalho remunerado como atividade principal. Dessas alunas apenas 5% declararam ser donas de casa, uma ocupação considerada “invisível”, muitas vezes, pois ele não é reconhecido pela sociedade e não gera remuneração. Apesar de não ser vinculado a um trabalho formal ou informal, o fato é que o trabalho doméstico absorve parte significativa do tempo diário dessas mulheres. Por fim, 27% das alunas não trabalham, por sua vez, tem uma jornada menos sobrecarregada e mais tempo para se dedicarem aos estudos.

Os dados acima revelam que 68% das graduandas têm um trabalho remunerado, seja formal ou informal, integral ou parcial. Esse número reflete a realidade de vida de muitas universitárias Brasil afora, que não tem possibilidade de dedicar-se exclusivamente aos estudos para obter um melhor desempenho acadêmico. Em decorrência da limitação de bolsas remuneradas, muitas vezes, a única alternativa é procurar trabalhos em outras áreas e de forma imediata. Isso ressalta a importância de mais políticas públicas de apoio aos estudantes.

Logo em seguida, se tem a renda familiar. Ao observar os dados apresentados no gráfico 1, torna-se evidente que a renda familiar das alunas pesquisadas está concentrada, em sua maioria (um pouco mais de 61%), entre 1 e 2 salários-mínimos. Entre as graduandas que se enquadram nessa faixa renda, encontra-se mulheres

tanto solteiras como casados, que estão inseridas na dupla ou tripla jornada de trabalho. Confira o gráfico.

Gráfico 2 – Renda Familiar mensal das alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN – 2023



Fonte: Pesquisa de campo (out./nov. 2023). Elaboração pela autora.

Apesar de 68% das alunas terem um trabalho remunerado como predominante, a renda mensal da família (da maioria delas) é baixa. Esta realidade pode ser explicada, em parte, a falta de oportunidades de empregos nas cidades pequenas, o que leva muitas mulheres a trabalharem em atividades precárias e informais, com remuneração menor. A falta de conclusão da graduação também pode desempenhar um papel significativo, para que elas consigam um emprego com melhores condições salariais. É importante reconhecer que, apesar de algumas limitações, as ocupações que elas conseguem desempenham um papel importante quando o assunto complementação da renda própria ou família.

Para mais, 25% das alunas têm a renda familiar entre 3 e 4 salários-mínimos, e enfrentam desafios diferentes. Estas são mulheres tanto solteiras como casadas, que trabalham estudam e cuidam do lar, ou ainda, que estudam e trabalham, se sobrecarregam pelas várias responsabilidades.

Por outro lado, um pouco mais de 11% das alunas têm a renda familiar menor que um salário-mínimo. Essas alunas são todas solteiras, vivem com 4 ou mais de 5 pessoas, estudam e cuidam do lar, podendo depender de auxílios do governo para se manterem, caso não sejam sustentadas pelos pais ou algum membro da família, já que não estão empregadas, seja de forma formal ou informal.

Ainda do total, apenas 2,28% têm renda familiar acima de 5 salários-mínimos. Trata-se de uma mulher casada, que não tem filhos, que convive apenas com o esposo, está na segunda graduação. Apesar da situação melhor em termos financeiros, ela enfrenta desafios que envolvem conciliar estudos, trabalha e cuidados com o lar.

Nas últimas décadas, a família “tradicional” chefiada por homens tem reduzido. O aumento do número de lares chefiados pelas mulheres sugere mudança na dinâmica da estrutura familiar, como assim aponta os dados do DIEESE (2023). Em 2022, dos 75 milhões de lares, 50,8% tinham liderança feminina, o correspondente a 38,1 milhões de famílias. Já as famílias com chefia masculina somaram 36,9 milhões”. Isso indica que mais da metade dos lares brasileiros já são chefiados por mulheres. No que se refere as mulheres negras, a mesma pesquisa evidenciou que elas lideravam 21,5 milhões de lares (56,5%) e as não negras, 16,6 milhões (43,5%), no 3º trimestre de 2022.

Em termos de rendimentos, as mulheres quando comparadas aos homens, enfrentam mais desafios quanto aos salários e empregos. A pesquisa “Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil” realizada pelo IBGE (2021) mostrou as desigualdades de rendimentos que existe no trabalho entre homens e mulheres, onde as mulheres, em 2019, receberam 77,7, ou pouco mais de $\frac{3}{4}$, do salário dos homens. “A Desigualdade de rendimentos do trabalho era maior entre as pessoas inseridas nos grupos ocupacionais que auferem maiores rendimentos, como diretores e gerentes” (IBGE, 2021, p. 4). A desigualdade de gênero e raça é muito evidente no mercado de trabalho, “[...] os indicadores mostraram o que se vivencia na prática: um contingente de mulheres que ganha menos se insere de forma precária e leva mais tempo em busca de colocação no mercado de trabalho” (DIEESE, 2023).

Diante dessas análises foi possível entender um pouco da realidade e conseqüentemente formar o perfil das graduandas do curso, assim, concluímos a primeira parte dos resultados: a caracterização. Mais adiante, expõe-se as motivações e as alterações na rotina que o ensino superior refletiu.

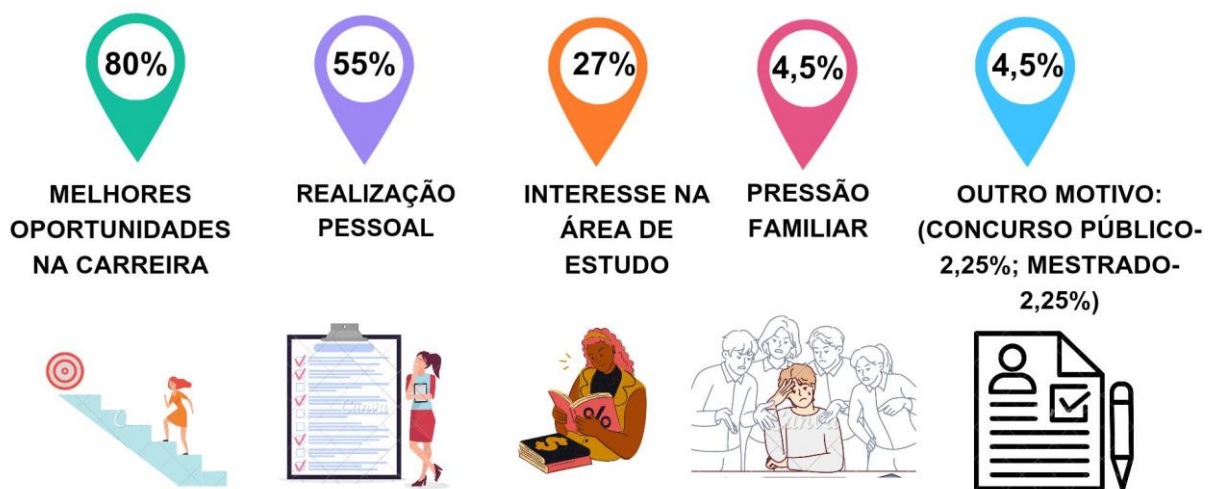
4.2 Universidade: Ingresso e alteração na rotina

Em uma realidade em que a busca por qualificação e desenvolvimento profissional é essencial para entrar e manter-se inserido no mercado de trabalho cada vez mais exigente, o ingresso na universidade tem sido uma ferramenta importante.

A graduação para além de abrir portas para melhores oportunidades de emprego, também propicia melhores salários e uma sensação de realização pessoal. Diante disso, torna-se importante analisar e compreender os motivos que levaram as alunas a escolherem o curso de Ciências Econômicas do CAPF-UERN.

No que tange o ensino superior, foi identificado que as alunas tiveram várias motivações para ingressarem na universidade. Segue abaixo essas várias motivações categorizadas e distribuídas percentualmente conforme apresentado no mapa mental:

Figura 4 – Ingresso no Ensino Superior: motivações - 2023.



Fonte: Pesquisa de campo (out./nov. 2023). Elaboração pela autora.

Ficou evidente que as principais motivações das alunas estão ligadas a razões econômicas. Elas buscam oportunidades com objetivo de alcançar melhores cargos, o que, proporcionaria melhores salários e condições de vida favoráveis. Buscam realização pessoal, alcançarem independência financeira, obtendo reconhecimento e satisfação com as conquistas.

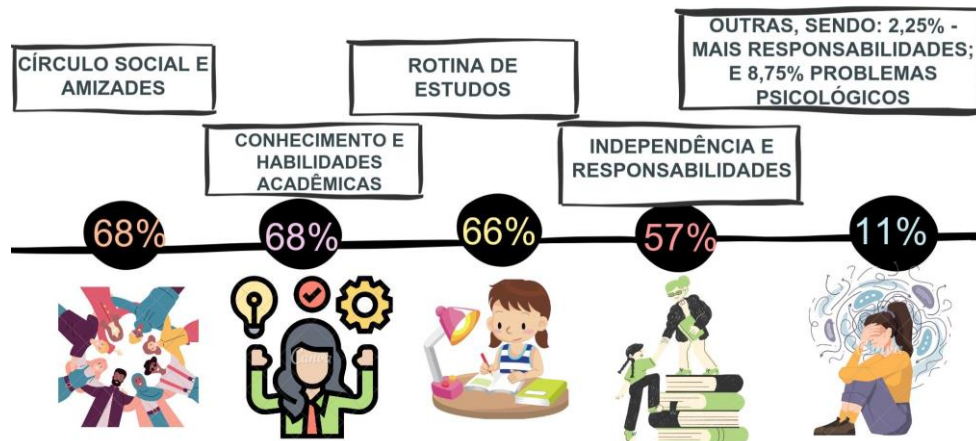
Os dados também mostram, que 27 % das alunas entraram no curso por terem interesse na área de estudo. Isso implica que a maioria pode ter optado por Economia por outros motivos, melhores oportunidades de carreira pode ser uma delas. O fato é que depois que se entra na universidade novos desafios, responsabilidades e oportunidades surgem, e, de alguma forma, muda o modo de vida das alunas. Oliveira e Dias (2014) relatam que o ingresso no ensino superior promove significativas mudanças na vida dos estudantes, isso porque os alunos são inseridos em uma nova realidade, na qual enfrentam desafios seja quanto a adaptação, a autonomia, as responsabilidades, a ausência de apoio parental e a gestão de tempo. No entanto,

para além dos desafios surgem também as oportunidades como melhores condições de estudos e a capacidade de criar amizades, acrescenta o autor.

Em relação a influência familiar, observa-se que apenas 4,5% relataram que esse foi o motivo de ingressarem na UERN. Um percentual pequeno, tendo em vista que com a conclusão do ensino médio, é comum surgirem pressões por parte da família e sociais para cursar o ensino superior. Destaca-se, com isso, as cobranças por essa aprovação e isso acaba resultando no ingresso em cursos indesejados por opções mais acessíveis.

Dessa forma, todas as alunas entrevistadas afirmaram mudanças na rotina de vida depois que passaram a fazer faculdade, seja em relação aos estudos, as amizades, as responsabilidades ou até mesmo a saúde mental. Confirmam mapa mental, distribuição em percentual.

Figura 5 – Ingresso no Ensino Superior: mudanças no modo de vida das alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/ UERN-2023.



Fonte: Pesquisa de campo (out./nov. 2023). Elaboração pela autora.

Dentre as respostas obtidas, 68% das alunas relataram que depois que entraram na universidade mudaram os círculos sociais e as amizades. Mudança compreensível, as transformações na rotina acadêmica muitas vezes resultam na diminuição de contatos já existentes, não se veem com frequência e acabam por se distanciar. Entretanto, no novo ambiente, passam a criarem amizades, surgem novos vínculos. É como abordam os autores Oliveira e Dias (2014) “[...] Esses vínculos permitem não só o compartilhamento de experiências, expectativas, interesses, problemas e apoio em caso de dificuldades, mas também despertam o sentimento de pertencer a um grupo” (Oliveira; Dias, 2014, p.193).

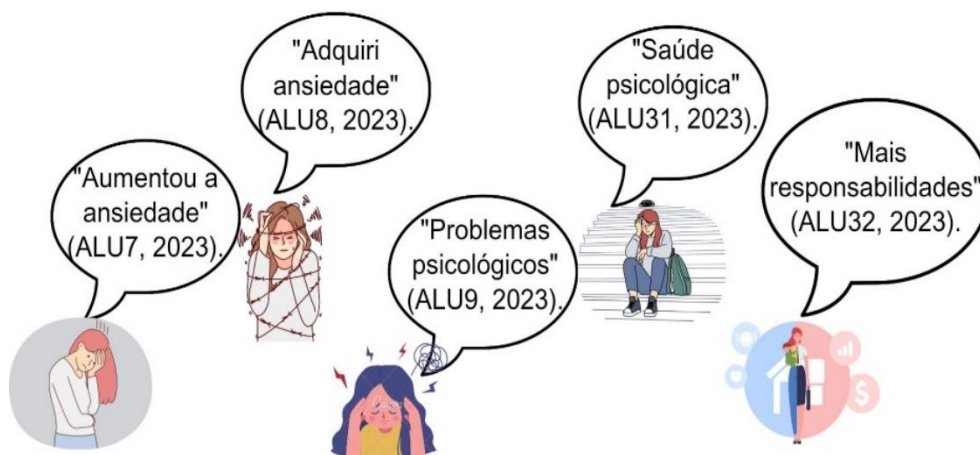
Além de mudanças no meio social, 68% das alunas destacaram mudanças nos conhecimentos e habilidades acadêmicas, já mudanças na rotina de estudos foi citada por 66% das alunas. No ambiente universitário, a relevância dos estudos ganha destaque, uma vez que os conteúdos repassados são de interesse das alunas que almejam trabalhar na área específica. Dessa forma, as informações transmitidas na sala de aula, as alunas têm a oportunidade de explorar outras fontes de aprendizado, como pesquisas, leituras e projetos de ensino ofertados pelo curso, que buscam a ampliação dos conhecimentos e facilitam a adaptação ao ambiente acadêmico.

A independência e as responsabilidades também mudaram com a chegada do ensino superior, relataram 57% das alunas. Para Koiama (2021) a entrada na universidade é marcada por uma elevada carga de novas responsabilidades e pela necessidade de autodeterminação, diferentes da vivenciada no período escolar. Surgem demandas intensas de atividades, a necessidade de conciliar trabalho e estudo, e desafios no gerenciamento de tempo. A autora ainda reforça que, nesse período, as pessoas tornam-se mais independentes, adquirem maior autonomia nas decisões e começam o gerenciamento de suas finanças.

Por fim, 11% relataram que outras coisas mudaram com a universidade. Dessas, 8,75% citaram alterações relacionadas a saúde, inclusive problemas psicológicos e ansiedade. As outras, 2,25% destacaram o aumento das responsabilidades. Enfim, os dados oferecem uma visão abrangente das dimensões impactantes da vivência na universidade.

Observem algumas falas na figura 6:

Figura 6: Falas das alunas (2023)

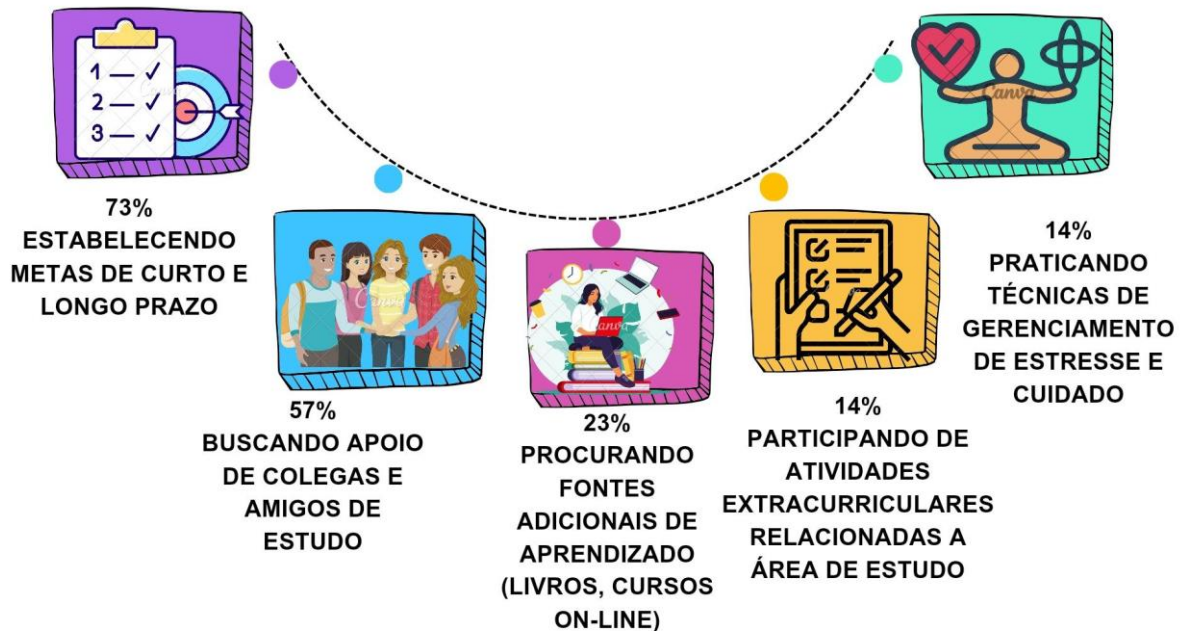


Fonte: Pesquisa de campo (out./nov. 2023). Elaboração pela autora.

Problemas psicológicos tem sido um assunto muito discutido na atualidade, e no Brasil, é grande o número de pessoas que sofrem com ansiedade e depressão, nota-se alta, especialmente entre estudantes. De acordo com um estudo World Mental Health Survey realizado pela OMS, aproximadamente 35% dos universitários enfrentam questões de saúde mental, entre elas, inclui aqui a ansiedade e a depressão (Kamenach, 2023). Osse e Costa (2011) destacam que, embora a literatura brasileira seja escassa em relação a saúde mental de universitários, alguns estudos apontam para um aumento no número de estudantes que enfrentam problemas de saúde. Para os jovens a mudança de ambiente, nas rotinas e o acúmulo de demandas contribuem para dúvidas, preocupações e ansiedades nesse grupo, conforme ressaltam os autores.

É evidente que o ingresso no ensino superior nem sempre significa estabilidade e alívio. Portanto, é importante contar com estratégias para manter motivação e envolvimento nos estudos, mesmo diante das mudanças, dificuldades e incertezas que o meio universitário pode apresentar. Confira no mapa mental abaixo as estratégias adotadas pelas alunas.

Figura 7 – Estratégias para manter a motivação nos estudos – 2023.



Fonte: Pesquisa de campo (out./nov. 2023). Elaboração pela autora.

Dentre as estratégias adotadas pelas alunas do curso, a mais comum é o estabelecimento de metas de curto e longo prazo (73%). Ao traçarem metas que desejam alcançar, como aquelas de conseguirem um bom emprego, de terem uma independência financeira, de passarem em um concurso, de fazerem pós-graduação, de comprarem um carro, de terem uma casa própria ou de fazerem uma viagem, por exemplo, essas metas tornam-se objetivos e são combustíveis para estimularem a não desistência dos estudos.

Em seguida, 57% das alunas responderam que têm também como estratégia o apoio de colegas e amigos de estudo, seja no auxílio nas tarefas, participação de grupos de estudos, seja para tirar dúvidas, compartilhar conhecimentos ou ainda estimular e encorajar na caminhada acadêmica.

Teixeira et al (2008) reforça que,

A importância da interação com os colegas não se restringe ao aspecto afetivo ou de amizade. A inserção social do estudante possibilita a este construir um sentido partilhado acerca das suas experiências no curso – positivas e negativas – ajudando-o a desenvolver estratégias de ajustamento na universidade (Teixeira et al, 2008, p. 198).

Outra estratégia importante, citada por 23% das alunas, é a procura por fontes adicionais de aprendizado, como livros ou cursos na internet, que auxiliam com os conteúdos e mantém a motivação. Importante destacar, que o interesse e habilidade de ensino dos professores contribui muito para o envolvimento dos alunos despertando ainda mais o gosto pelo curso. No entanto, procurar oportunidades que estão além daquelas da sala de aula é uma estratégia crucial de envolvimento das graduandas com o curso e estimular novos interesses e curiosidades.

Participar de atividades extracurriculares relacionadas a área de estudo também é uma estratégia utilizada por 14% das alunas. Teixeira et al (2008) relata, inclusive, que as atividades extracurriculares auxiliam na adaptação e permitem que os alunos se integrem mais às dinâmicas do curso, conhecendo mais os colegas e professores, de modo a explorar aspectos na formação que não são contemplados em sala de aula.

Foi também observado que 14% das alunas adotam técnicas de gerenciamento de estresse e cuidado, mesmo sendo algo tão importante e que contribuiria para melhores resultados. Rotina intensa, a sobrecarga de trabalhos, o pouco tempo para descanso e lazer, incertezas, insegurança fazem parte do cotidiano dessas alunas, o que gera cansaço físico e mental. Praticar uma atividade física, tirar um momento para

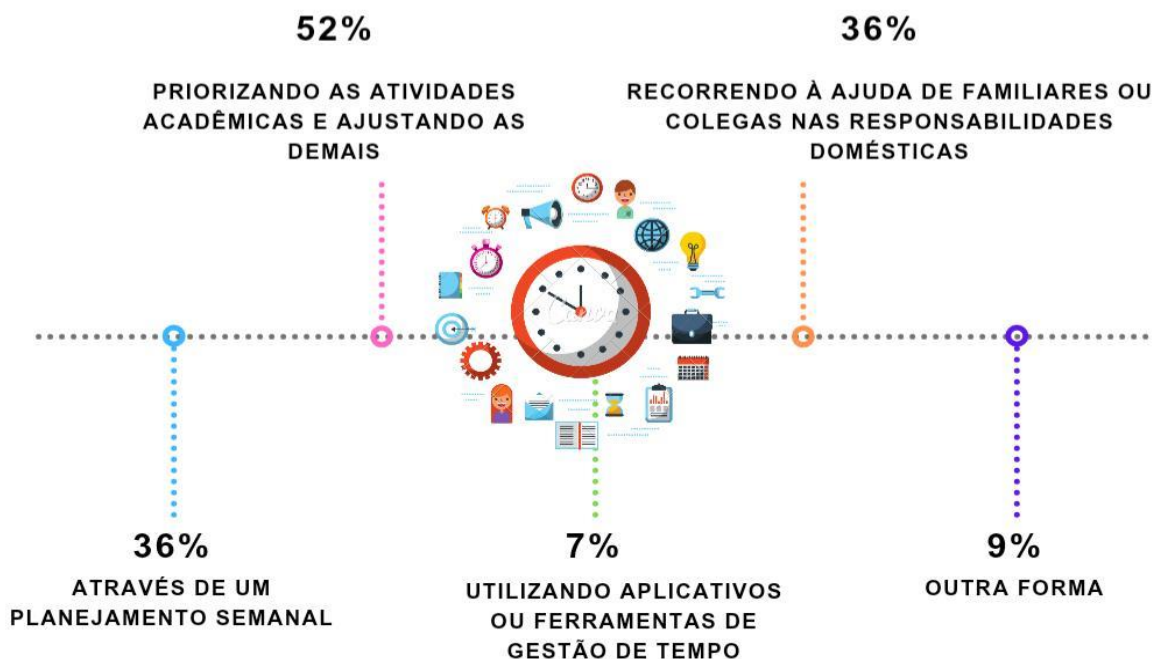
relaxar, priorizar o autocuidado, ter um suporte emocional, dormir bem são técnicas importantes que podem contribuir para uma melhor qualidade de vida e um melhor desempenho acadêmico.

Nesta seção, foram apresentados os resultados referentes às motivações para o ingresso no ensino superior e as alterações na rotina a partir dessa escolha. Mais à frente, explora-se as formas como as alunas se organizam para acomodarem as responsabilidades.

4.3 Como as graduandas gerenciam o tempo para conciliar as responsabilidades

Para manter-se envolvida em múltiplas responsabilidades e obterem bons resultados é necessário organização e planejamento do tempo. Com as graduandas do curso de economia do CAPF-UERN não é diferente. Diante disso, indagou-se as alunas: como você se organiza para administrar seu tempo entre estudos, atividades acadêmicas e demais responsabilidades? Ver figura a seguir com as respostas.

Figura 8 – Estudo e outras responsabilidades: estratégias de organização entre as alunas – 2023.



Fonte: Pesquisa de campo (out./nov. 2023). Elaboração pela autora.

Como indicado na figura, 52% das alunas demonstraram priorizar as atividades acadêmicas, ajustando as demais conforme necessário. Esses dados sugerem que a universidade é a principal prioridade dessas alunas, o que evidencia o engajamento e aproveitamento desse ambiente para se dedicarem-se ao aprendizado.

Outra forma de organização utilizada por 36% das alunas é um planejamento semanal. Dentre as que executam esse planejamento, pode-se identificar aquelas que durante a semana realizam as atividades mais rotineiras, como dar uma leve organizada na casa, priorizar as atividades acadêmicas de acordo com as demandas, deixando as outras obrigações como lavar roupa, faxina, leituras e demais afazeres para os fins de semanas ou feriados.

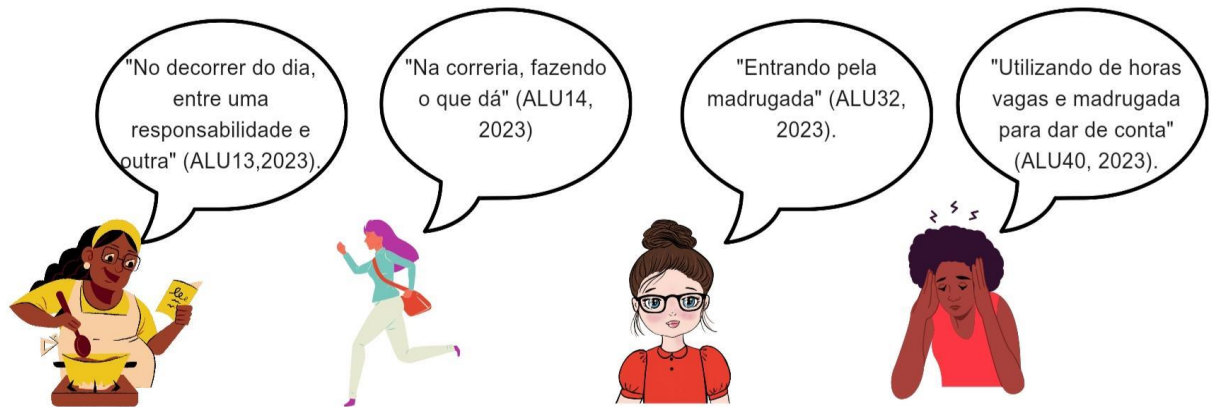
Recorrer à ajuda de familiares ou colegas nas responsabilidades domésticas é outra estratégia adotada por 36% das alunas. Ainda que o trabalho reprodutivo seja associado às mulheres, muitas recorrem aos familiares, principalmente aos companheiros, para terem uma ajuda nas responsabilidades domésticas. De acordo com dados do IBGE (2021), nos últimos anos a taxa de participação dos homens na realização das tarefas domésticas tem aumentado, dentre outros fatores, esse maior engajamento dos homens está associado ao fato das mulheres estarem cada vez mais se modernizando, inseridas em outras formas de trabalho e assim contribuírem com a renda da família.

Uma parcela pequena evidenciou o uso de aplicativos ou ferramentas de gestão de tempo. Saber gerenciar os horários para cada atividade, seja acadêmica ou doméstica, é uma estratégia que facilita muito a vida das alunas, principalmente, aquelas que enfrentam a dupla ou tripla jornada de trabalho.

O que se tornou evidente com a pesquisa é que as alunas do curso (boa parte) enfrentam uma rotina, com múltiplas responsabilidades. Quando não planejam o tempo para cada coisa, acabam por não conseguir realizar as tarefas ao longo do dia, o que gera desgaste e estresse. Estabelecer um cronograma com horários para realização de cada atividade não apenas contribui para uma vida mais organizada, mas também promove satisfação e produtividade.

Outras formas de organizações foram citadas por 9% das alunas pesquisadas e estão apresentadas a seguir na figura:

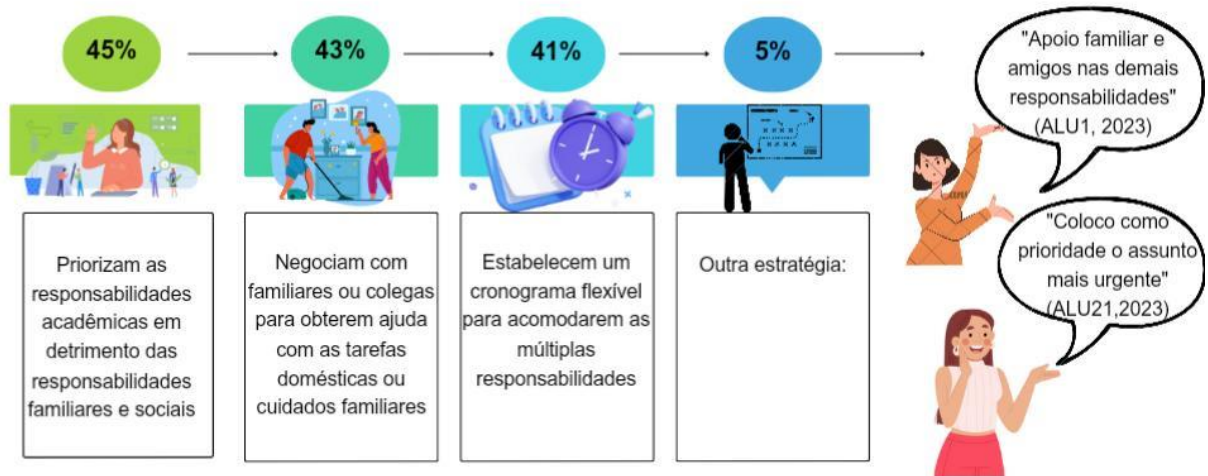
Figura 9 - Estratégias de organização das alunas, algumas falas - 2023.



Fonte: Pesquisa de campo (out/nov. 2023). Elaboração pela autora.

Com base nas respostas, ficou evidente que as alunas do curso fazem algumas renúncias para conseguirem organizar o tempo e equilibrarem as múltiplas responsabilidades, o que não foge a realidade de muitas. Muitas perdem noites de sono e outras sacrificam o tempo que tem para descanso durante o dia, entre uma responsabilidade e outra, para se dedicarem aos estudos, de modo que as atividades acadêmicas sejam priorizadas. Essas são as formas de organizações utilizadas pelas alunas no dia a dia. Mas, quando as responsabilidades entram em conflitos ela adotam outras estratégias de conciliação, isso pode ser visto através do mapeamento abaixo.

Figura 10 - Estratégias de conciliação em conflitos de responsabilidades entre as graduandas do curso – 2023.



Fonte: Pesquisa de campo (out/nov. 2023). Elaboração pela autora.

Mesmo em situação de conflito de responsabilidades, 45% das alunas priorizam as atividades acadêmicas em detrimento das responsabilidades familiares e sociais. Os afazeres domésticos são deixados para outros momentos e dias, não são considerados como de urgência.

Da mesma forma, 43% negociam com familiares ou colegas para obterem ajuda com as tarefas domésticas ou cuidados familiares para assim poderem priorizar as atividades acadêmicas. Assim, foi possível perceber que o apoio da família e amigos foi ressaltado como importante na conciliação das responsabilidades, a ALU1, por exemplo, salientou que uma estratégia que adota é o “apoio familiar e amigos nas responsabilidades” (ALU1, 2023).

Quanto às formas de organizações, 36% afirmaram utilizar um planejamento semanal. Logo, quando as responsabilidades entram em conflito, o percentual de alunas que usam a estratégia de estabelecerem um cronograma flexível para acomodarem as múltiplas responsabilidades sobe para 41%.

Com base nos resultados apresentados nas figuras 8, 9 e 10, foi possível observar que as alunas procuram encontrar as melhores alternativas para conciliar suas responsabilidades. É certo que enfrentar uma dupla ou tripla jornada de trabalho torna a falta de tempo para realizar todas as tarefas diárias um desafio significativo. Priorizar os objetivos profissionais, estabelecer um cronograma e ainda contar com uma rede de apoio, quando necessário, são as estratégias mais utilizadas na busca pelo equilíbrio entre as responsabilidades.

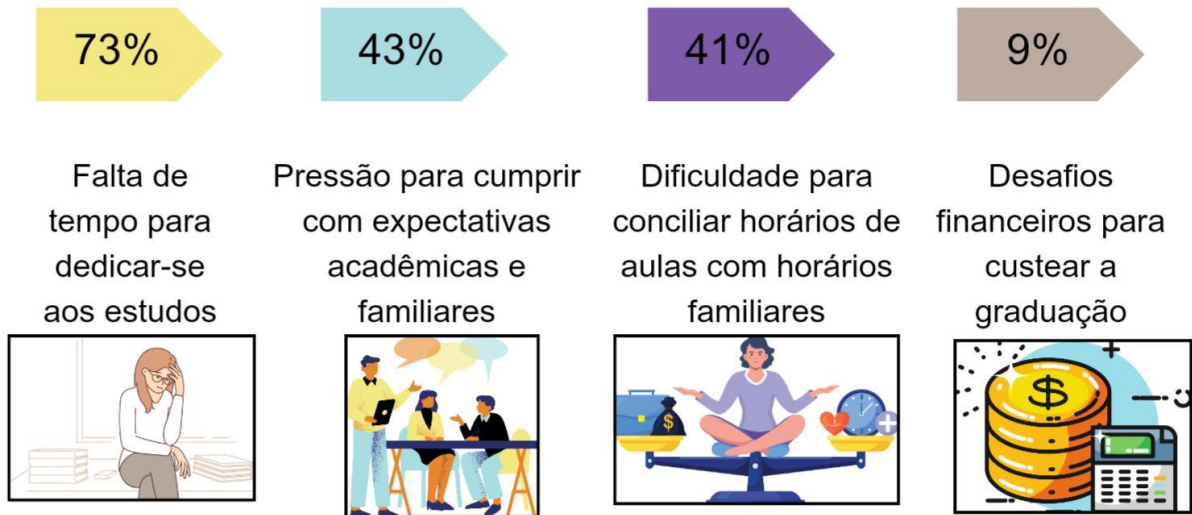
Nesta seção ficou evidente quais são as estratégias adotadas pelas alunas para conciliarem as múltiplas responsabilidades. A seguir, serão apresentados os desafios e fontes de estresse que elas enfrentam.

4.4 Desafios e fontes de estresse

Ao longo da jornada acadêmica, as alunas se deparam com muitos desafios que muitas das vezes acabam por desestimular e/ou até impedir de concluírem o ensino superior. Oliveira (2021) expõe que, “[...] se observarmos no espaço acadêmico encontraríamos inúmeras barreiras que a universitária enfrenta, como por exemplo: falta de tempo, gravidez, distância, falta de recursos financeiros e dentre outros” (Oliveira, 2021, p.17). A autora ressalta desde o ingresso os desafios já são percebidos, principalmente com relação ao tempo. Os resultados obtidos na pesquisa

refletem as observações da autora, já que a falta de tempo para dedicar-se aos estudos foi o mais citado pelas entrevistadas. Confirmam no mapa mental.

Figura 11 - Principais desafios na busca pelo equilíbrio entre as atividades acadêmicas e responsabilidades familiares ou sociais - 2023.



Fonte: Pesquisa de campo (out./nov. 2023). Elaboração pela autora.

É importante ressaltar um dado significativo: embora boa parte das alunas tenham afirmado priorizar seus compromissos universitários (mais de 50%), ao serem questionadas sobre os desafios enfrentados na busca por equilibrar suas responsabilidades, a falta de tempo para os estudos aparece como a primeira alternativa citada. É fundamental abordar essa questão sem que isso pareça contraditório, pois mostra que, apesar da priorização da universidade, as alunas ainda enfrentam dificuldades consideráveis para conciliar suas obrigações acadêmicas com outras responsabilidades. E essa falta de tempo é refletida em resultados indesejados, com notas baixas ou rendimentos insatisfatórios e gera estresse e preocupações.

Ávila e Portes (2012) expõem que ter que desempenhar diariamente uma tripla jornada de trabalho não é tarefa nada fácil. A rotina diária é uma corrida para tentar equilibrar todas as dimensões (trabalho, estudo e lar). Conciliar as três torna-se uma fonte de estresse, ansiedade e pressões constantes, que deixam as alunas emocionalmente vulneráveis.

Além disso, 43% das alunas apontaram que a pressão para cumprirem com as expectativas acadêmicas e familiares é outra dificuldade. Essa pressão sobrecarrega

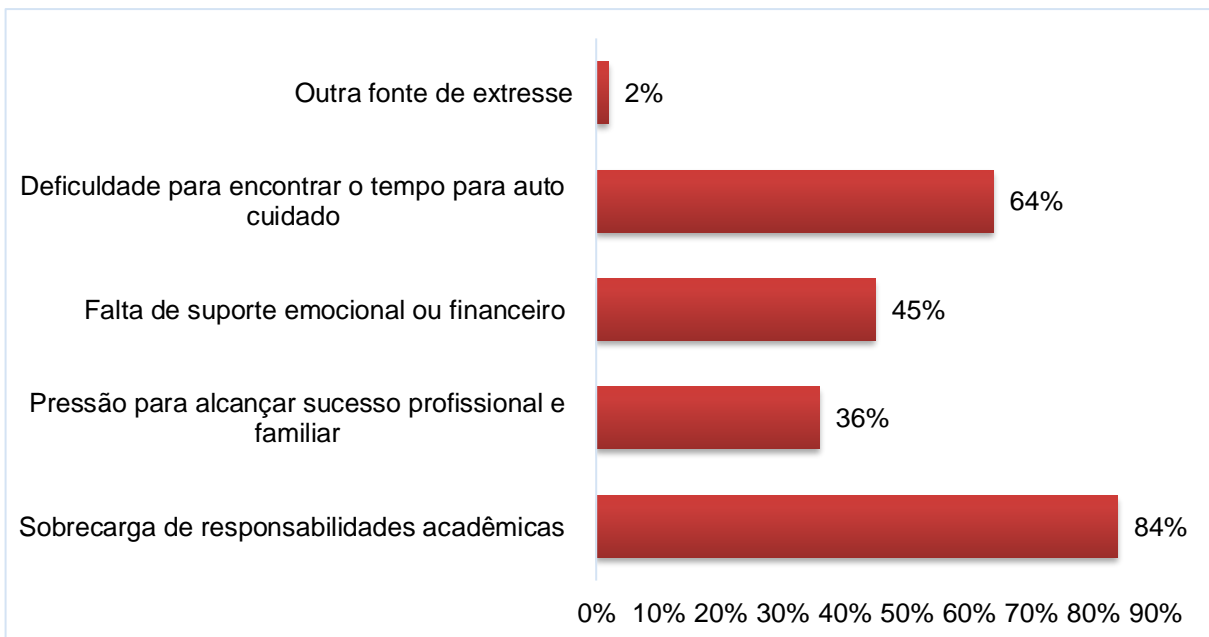
as alunas, e quando essas expectativas não são alcançadas é gerado um sentimento de culpa que contribui para o adoecimento físico e emocional.

A conciliação da faculdade com as demais responsabilidades é desafio a mais, apontado por 41% das alunas. Simões (2010) aponta que, “[...] Um dos grandes desafios para a mulher envolve o imperativo de conciliar as funções afetivas, profissionais, familiares, acadêmicas e ainda continuar cuidando da organização da casa e da educação dos filhos” (Simões, 2010, p.11). A dificuldade de se conciliar os horários de aula e os horários familiares é associado mais as alunas que trabalham fora de casa e que a noite, o tempo que teriam para ficar um pouco com a família é preciso para que se deslocar para a faculdade.

O desafio associado as condições financeiras foram citadas por 9% das alunas. Apesar de se tratar de uma universidade pública e gratuita, surgem gastos com apostilas, livros, e principalmente lanche, é importante lembrar que muitas saem cedo de casa para se deslocarem para a UERN, são de outras cidades, e muitas vezes, não dar tempo jantar ou preparar qualquer refeição.

As principais fontes de estresse apontadas podem ser vistas no gráfico 3. A sobrecarga das responsabilidades acadêmicas foi bastante citada (84%), isso considerando a falta de tempo. Das alunas pesquisadas, 64% relataram terem dificuldade para encontrar tempo para autocuidado, isso também gera estresse. A rotina dessas mulheres é extremamente corrida e cansativa, onde fica pouco tempo para um lazer, um tempo para cuidarem de si próprias, da aparência, da saúde mental, física, entre outros. Por passarem a semana se dedicando aos estudos e ao trabalho produtivo, o fim de semana que deveria ser o tempo reservado e dedicado para o autocuidado muitas das vezes é utilizado para as tarefas domésticas e para as tarefas acadêmicas que não é possível ser realizada durante a semana, dessa forma, as horas livres tornam-se quase inexistentes.

Gráfico 3 - As principais fontes de estresse ao conciliar múltiplas responsabilidades - 2023



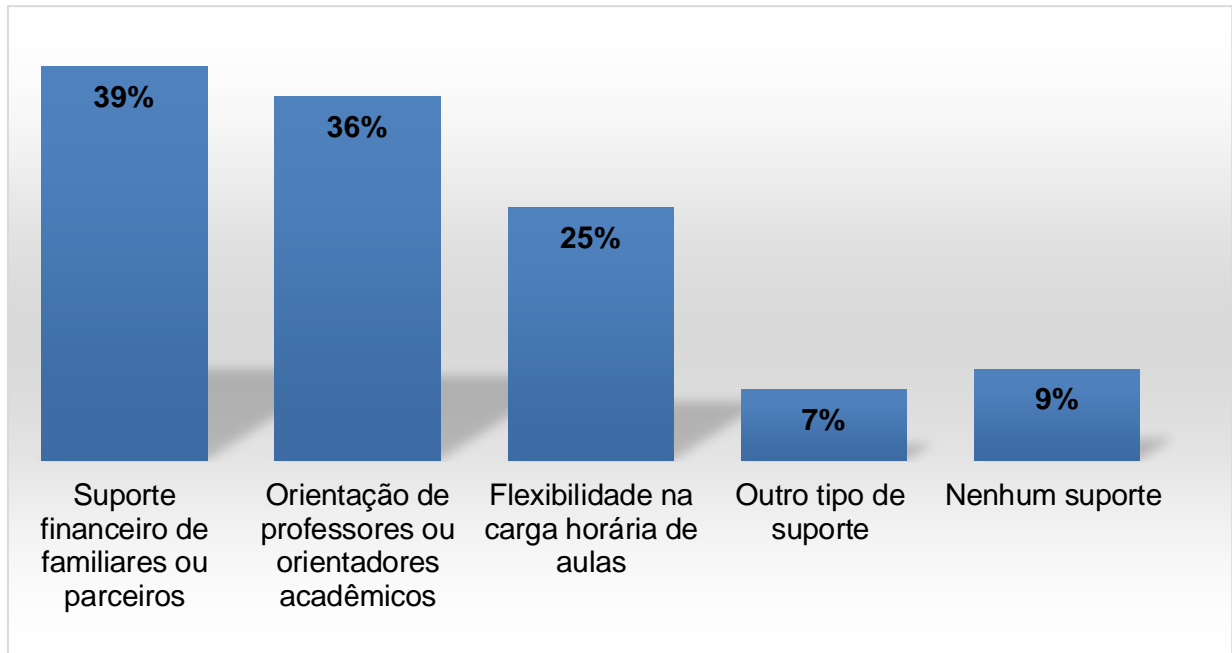
Fonte: pesquisa de campo (out./nov. 2023): elaboração pela autora.

Não dispor de um suporte emocional ou financeiro também é considerado uma fonte de estresse por 45% das alunas. A ausência de apoio em certos momentos gera a sensação de solidão e preocupação. Por isso, que a participação da família e amigos nesse processo é muito importante para encorajar as alunas em momentos desafiadores do dia a dia.

A pressão para alcançarem sucesso profissional e familiar também gera estresse, e foi relatado por 36% das alunas. A fim de atingirem as metas estabelecidas e a autocobrança resulta em ansiedade, angústia e autocrítica, há aquelas que se culpam por não terem conseguido melhores resultados.

Para lidar com essas pressões e estresses e conseguir conciliar as múltiplas responsabilidades, as alunas relataram que recebem suportes/ajuda. Observem o gráfico abaixo:

Gráfico 4 - Apoio/suporte recebidos pelas alunas para lidarem com as responsabilidades – 2023.



Fonte: Pesquisa de campo (out./nov. 2023). Elaboração pela autora.

O suporte financeiro de familiares ou parceiros é o mais comum. Das alunas pesquisadas, 39% afirmaram que recebem esse suporte. Entre as que recebem, 47% trabalham e 53% não trabalham. Provavelmente, as que trabalham, precisam de suporte porque os rendimentos são baixos.

Existe também suporte por parte de orientações de professores ou orientadores acadêmicos, através de monitorias, palestras ou ainda em meio as conversas em horários vagos ou intervalos – que foi citado por 36% das alunas. Esse suporte é muito importante pois as alunas sentem-se acolhidas pelo curso/universidade. Já 25% delas responderam que tem flexibilidade na carga horária das aulas, essas, são maioria alunas desniveladas que têm alguns dias na semana que não pagam disciplinas, e alunas do 10º período que tem poucas disciplinas obrigatórias por estarem já no final do curso. Já 10% das alunas, responderam que não contam com nenhum suporte para auxiliá-las nas responsabilidades, se viram sozinhas. Por fim, 6% afirmaram que contam com outros apoios, sendo: “apoio familiar em ambas as responsabilidades” (ALU1, 2023); “emocional” (ALU32, 2023) e “apoio conjugal nas atividades domésticas” (ALU43, 2023).

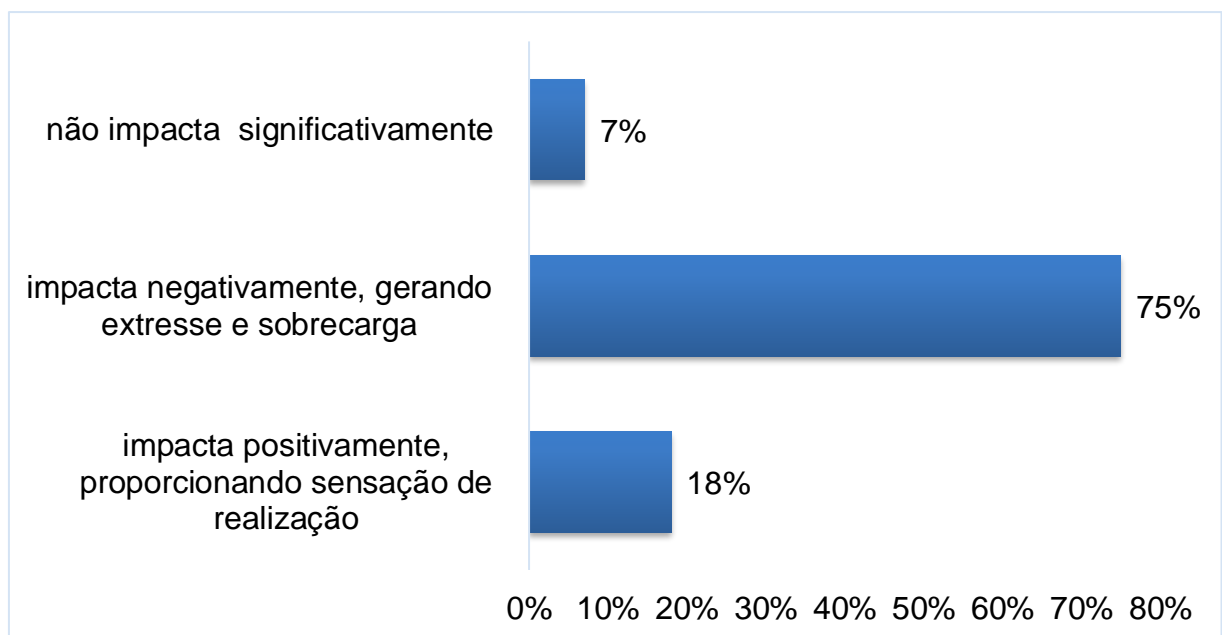
Esses resultados destacam os principais desafios, fontes de estresses e suportes recebidos pelas alunas do curso para conciliarem as responsabilidades do dia a dia. No próximo subtópico será apresentada uma avaliação de como as alunas

se sentem ao conviverem com tantas responsabilidades, se elas veem os desafios como motivos para pensar em desistir do curso, ou como algo que as encorajam e as motivam.

4.5 Universidade e satisfação geral das alunas

Como já abordado, a vida universitária é cheia de desafios devido às mudanças que ela impõe na rotina das alunas. Quando associada as demais responsabilidades, fica ainda mais difícil conciliar. A execução de atividades relacionadas ao trabalho produtivo, ao trabalho reprodutivo e aos estudos são fatores desencadeadores de diversos sentimentos, de satisfação e realização, como também, insatisfação e descontentamento. Diante dessa realidade, as alunas do curso avaliaram como essas responsabilidades têm afetado o seu bem-estar e satisfação geral. Dentre as respostas, o impacto de negativo prevaleceu. Confira o gráfico.

Gráfico 5 - Impacto das responsabilidades acadêmicas, familiares e sociais no bem-estar emocional e na satisfação geral das graduandas do curso de Ciências Econômicas do CAPF-UERN – 2023.



Fonte: Pesquisa de campo (out./nov. 2023). Elaboração pela autora.

Quando se trata da satisfação das alunas quanto a conciliação das tarefas, 75% alegaram que a sobrecarga de atividades resulta em diversos problemas físicos e mentais que impactam de maneira negativa no bem-estar emocional. A falta de tempo para o autocuidado, lazer e descanso contribui para esse resultado.

Para outras 18%, às múltiplas responsabilidades são encaradas de maneira positiva e proporciona sensação de realização pessoal. Essas alunas sentem-se realizadas e satisfeitas em estarem envolvidas em muitas dinâmicas sociais, os desafios logo são tidos como ensinamentos e aprendizados que contribuem para o desenvolvimento. Dessa forma encontrando respaldo nos estudos de Garcia, Santos, Medeiros (2021), as múltiplas responsabilidades podem gerar sentimentos positivos e negativos. Os autores evidenciam que

[...] se por um lado os acúmulos dos múltiplos papéis registrados mediante pesquisas demonstram que as mulheres estão acometidas pela sobrecarga física e emocional, outros estudos consideram que atuação da tripla jornada beneficia a saúde física, mental e garantia de bem-estar. Assim aponta que, apesar das responsabilidades, do esgotamento físico e ou/mental ainda a tripla jornada proporciona benefícios à saúde, ganho em poder o que torna possíveis sentimentos de independência, controle e autoestima elevada (Garcia, Santos, Medeiros, 2021, p. 45).

Enquanto alunas já pensaram em desistir da universidade diante das inúmeras responsabilidades e desafios diários, há aquelas que, mesmo com os desafios, não pensam em desistir e estão dispostas a concluírem o curso, a maioria.

Dos resultados, 50% das alunas afirmaram que apesar de se sentirem pressionadas preferem continuar os estudos ainda que tenham que sacrificaram outras áreas. Já 39% delas relataram que as responsabilidades têm sido tão sobrecarregadas que já pensaram em desistir do curso. Dentre as tarefas que as alunas executam no dia a dia, renunciar ao curso surge como opção tendo em vista que o trabalho remunerado, muita das vezes, é o que promove o sustento da família. Uma pequena parcela, 5%, citaram que as responsabilidades não afetam a vontade de continuar os estudos, e 11%, não têm uma opinião formada sobre esse assunto.

Observe a figura:

Figura 12 – Diversidade de responsabilidades: a decisão de continuar ou desistir do curso

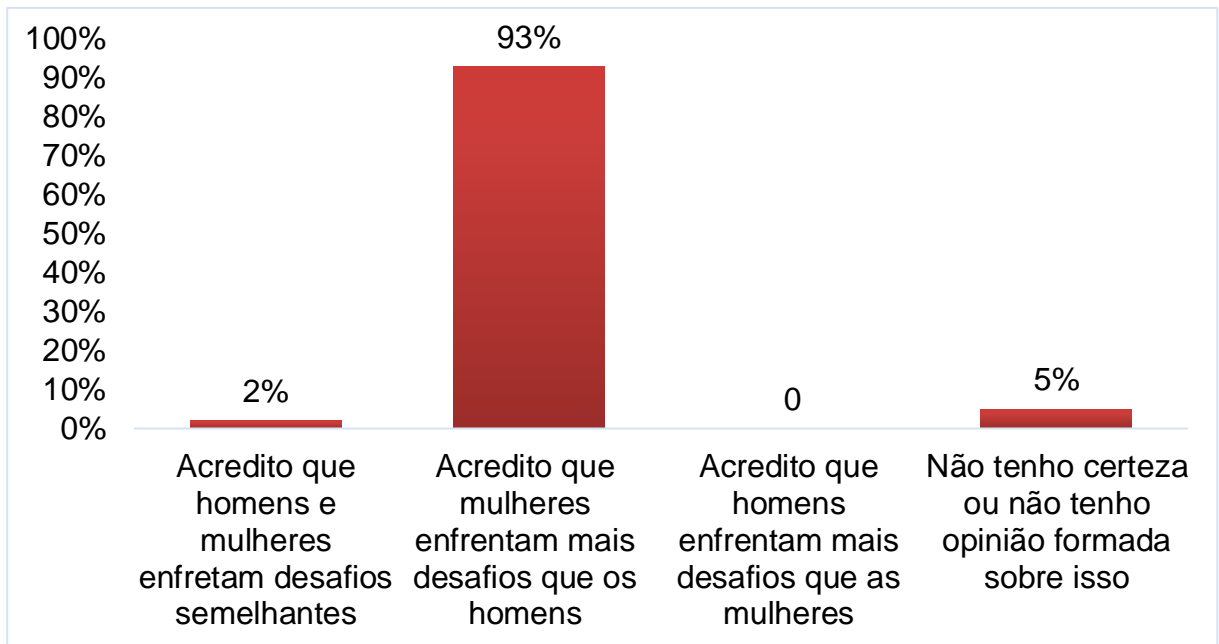


Fonte: Pesquisa de campo (out./nov. 2023). Elaboração pela autora.

Para concluir a pesquisa, foi levantado um questionamento de como as alunas avaliam o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional para homens e mulheres no mercado de trabalho.

Ao analisar o gráfico 6 ficou evidente que uma resposta se destacou: a grande maioria das alunas acredita que as mulheres encontram mais desafios que os homens no equilíbrio entre vida pessoal e profissional. São muitos os papéis por elas assumidos, entre eles: estudante, funcionária, esposa, mãe e donas do lar, conciliar tudo isso se torna um desafio que requer determinação e persistência. Confirmam os resultados.

Gráfico 6 - Homens e mulheres no mercado de trabalho: análise do equilíbrio entre vida pessoal e profissional – 2023



Fonte: pesquisa de campo (out/nov. 2023): elaboração da própria autora.

Com o estudo, foi possível perceber que, os desafios enfrentados pelas mulheres não se restringem apenas à tripla jornada de trabalho, existem preocupações quanto à equidade entre gênero. Os desafios prevalecem quanto aos salários, jornada de trabalho, maternidade e carreira. Destaca-se a necessidade de elaboração de leis permitam reduzir a desigualdade entre homens e mulheres, não somente no mercado de trabalho, na sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo investigar as complexas dinâmicas sociais vivenciadas pelas mulheres graduandas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN-2023, explorando como elas equilibram as responsabilidades acadêmicas, familiares e sociais. Procurou-se identificar o perfil dessas alunas, as formas de organização, os principais desafios enfrentados, as estratégias adotadas, as principais fontes de estresse e se elas recebem algum suporte ou ajuda.

Recorremos à literatura, foi possível analisar de forma histórica a trajetória das mulheres na sociedade, o seu papel em diferentes épocas e a conquista de direitos. Essa análise permitiu compreender como as mulheres eram vistas na sociedade antigamente, as circunstâncias históricas e culturais que refletiram em consequências e atrasos para esse público-alvo.

O trabalho abordou a substituição do trabalho fabril pelo flexível e explorou como essas transformações impactaram as novas formas de trabalho e de exploração. A ocorrência do capitalismo e da industrialização foram retratados como fatores que provocaram mudanças significativas nas condições de trabalho e contribuíram para maior inserção da mão de obra feminina no mercado de trabalho. Contudo, conforme abordaram os autores estudados, essa maior inserção foi marcada pelo aumento da precarização e pelo acúmulo de atividades, levando muitas mulheres a conciliarem dupla ou tripla jornada de trabalho.

A partir dos resultados obtidos com a pesquisa de campo, foi possível conhecer o perfil das alunas do curso de Ciências Econômicas da UERN, campus de Pau dos Ferros no ano de 2023. Identificou-se que 59% das alunas têm idade entre 20 a 24 anos, 73% são solteiras, 93% não tem filhos, 61% tem a renda mensal familiar entre 1 e 2 salários mínimos e 91% estão inseridas na dupla ou tripla jornada de trabalho. Das alunas que responderam à pesquisa, 68% têm emprego remunerado, seja formal ou informal.

As motivações para ingresso no ensino superior foram, principalmente econômicas, tratando-se da busca por melhores condições na carreira e realização pessoal. Com o ingresso na universidade, ocorreram mudanças na rotina e no modo de vida, tanto no meio acadêmico (rotina de estudos) quanto social (círculos de amizades).

A pesquisa também identificou a forma como as alunas se organizam para conciliar estudos, trabalho e lar. A priorização das atividades acadêmicas, o planejamento semanal e o apoio familiar foram as estratégias mais citadas. Quanto aos desafios, a falta de tempo para dedicar-se aos estudos e a pressão para cumprirem com as expectativas acadêmicas e familiares foram colocados como principais.

Importante destacar aqui, as principais fontes de estresse vivenciadas pelas alunas, que incluem a sobrecarga de atividades acadêmicas e a falta de tempo para o autocuidado. Algumas alunas desenvolveram problemas psicológicos. Em relação ao suporte recebido, ajuda financeira de familiares ou parceiros e a orientação de professores ou orientadores acadêmicos foram os mais importantes.

Referente aos sentimentos das alunas em relação às responsabilidades, ficou claro que para a maioria, conviver com tantas obrigações é uma tarefa difícil que traz impacto de maneira negativa e resulta em sobrecarga. Esse fator acaba que por atingir as expectativas das alunas e leva algumas a pensarem em desistir do curso. Por outro lado, foi observado que outras alunas, apesar das múltiplas responsabilidades, continuam motivadas a seguir com o curso.

Ao considerarmos as desigualdades entre homens e mulheres ainda presentes na sociedade, foi levantado um questionamento sobre como as alunas avaliam o equilíbrio entre vida pessoal e profissional de homens e mulheres. O resultado revelou que quase todas as alunas acreditam que as mulheres enfrentam mais desafios que os homens no mercado de trabalho.

Por fim, pode-se identificar que a realidade vivenciada pelas alunas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN-2023 reflete uma dinâmica social complexa que muitas mulheres enfrentam no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. Desenhando a nova morfologia do trabalho no Brasil. **Estudos avançados**, v. 28, p. 39-53, 2014.
- ANTUNES, Ricardo. O mundo precarizado do trabalho e seus significados. **Cadernos de Psicologia social do trabalho**, v. 2, p. 55-59, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. O trabalho e seus sentidos. **Confluências**: Revista de Sociologia e Direito, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 43-61, 2008. Disponível em: <<https://www.bing.com/search?q=o+trabalho+e+seus+sentidos+ricardo+antunes&qsn&form=QBRE&sp=-1&ghc=1&lq=0&pq=o+trabalho+e+seus+sentidos+ricardo+antun&sc=7-40&sk=&cvid=0867AF769E91499083369DDD428313E3&ghsh=0&ghacc=0&ghpl=>>>. Acesso em: 04 jun. 2023.
- ÁVILA, Roberta Contrera; PORTES, Écio Antônio. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, p. 809-832, set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/5dt5spzRWMYjrrVB4dcsmj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2023.
- BORGES, José Carlos. LAPOLLI, Édis Mafra. AMARAL, Melissa Ribeiro do. A MULHER E SUAS CONCEPÇÕES HISTÓRICAS. 2020. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 06, Vol. 09, pp. 05-21. junho de 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/concepcoes-historicas>. Acesso em: 20 set. 2023.
- BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. TRABALHO E GÊNERO NO BRASIL NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 537-572, set. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/KybtYCJQvGnnFWWjcyWKQrc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 jul. 2023.
- Campus de Pau dos Ferros – PFERROS**. 2021. Disponível em: <https://pferros.uern.br/default.asp?item=pferros-apresentacao>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- CHILDE, Vere Gordon. **O Que Aconteceu com a História**. Rio de Janeiro. Ano 1977. Zahar Editores. 4ª ed. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4607395>. Acesso em: 19/09/2023.
- COSTA, Albertina de Oliveira et al (org.). **Mercado de Trabalho e Gênero**: comparações internacionais. Rio de Janeiro: FGV, 1ª ed, 2008. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=h4plDwAAQBAJ&pg=PA6&source=kp_read_button&hl=pt-

BR&newbks=1&newbks_redir=0&gboemv=1&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CRUZ, Vagner de Oliveira. Feminino: a construção histórica do papel social da mulher. **In:** Simpósio Nacional de história, ANPUH. Ano 2013. Disponível em: [Microsoft Word - 1371176105_ARQUIVO_textorevisado.doc \(anpuh.org\)](#) Acesso em: 18/09/2023.

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (comp.). As dificuldades das mulheres chefs de família no mercado de trabalho. 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.html>. Acesso em: 17 dez. 2023.

FERNANDES, Tati Ferraz. **A Proteção da Mulher nas Relações de Emprego:** a promoção da igualdade da mulher no direito do trabalho. 2018. 84 f. Monografia (Especialização) - Curso de Direito, Faculdade Damásio, Vitória da Conquista/Ba, 2018.

FILSINGER, Luiza Ferrari; PAULA, Alessandro Vinicius de; MATTA, Leonardo Cuculo da. Trabalho e gênero: os percalços das mulheres no mundo do trabalho. In.: Flávio Aparecido de Almeida (org). ***Violência e Gênero: análises, perspectivas e desafios***. 1º ed. Guarujá/SP: Científica Digital, 2022. p. 154-170. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/livros/livro-violencia-e-genero-analises-perspectivas-e-desafios>. Acesso em: 02 de julho de 2023.

FLECK, Ana Cláudia; WAGNER, Adriana. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, p. 31-38, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/yJ7FJKchnyMrnhgPPp463yc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2023.

GARCIA, Elaine Barreto Correia; SANTOS, Lucimara Sousa dos; MEDEIROS, Vitória Demarque. As extenuantes jornadas de trabalho da mulher moderna e as consequências na saúde mental. **Psicologia: Trabalho e sociedade, cultura e saúde** 2, [S.L.], p. 40-47, 7 jul. 2021. Atena Editora. <http://dx.doi.org/10.22533/at.ed.6372107075>. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/as-extenuantes-jornada-de-trabalho-da-mulher-moderna-e-as-consequencias-na-saude-mental#:~:text=AS%20EXTENUANTES%20JORNADA%20DE%20TRABALHO,de%20conquistas%20e%20ganhar%20visibilidade>. Acesso em: 20 dez. 2023

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna:** Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural: Acumulação flexível – transformação sólida ou reparo temporário. Edições Loyola, São Paulo, 1992.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. NOVAS CONFIGURAÇÕES DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO HELENA HIRATA. **Cadernos de Pesquisa**, [s. l], v. 37, n.

132, p. 595-609, set. 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmidsBWQ/?format=pdf&lang=pt>.
 Acesso em: 01 jul. 2023

HIRATA, Helena. **Nova Divisão Sexual do Trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Cidades e Estados. PAU DOS FERROS/RN. 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/pau-dos-ferros.html>. Acesso em: 11 nov. 2023.

KAMENACH, Junior. **OMS diz que um a cada três universitários tem problemas de saúde mental**. 2023. Disponível em: <https://sagresonline.com.br/oms-diz-que-um-a-cada-tres-universitarios-tem-problemas-de-saude-mental/#:~:text=Um%20estudo%20conduzido%20pela%20Organiza%C3%A7%C3%A3o,grupo%20incluem%20ansiedade%20e%20depress%C3%A3o>. Acesso em: 20 dez. 2023.

KOIAMA, Jéssica Rumi. **O impacto da ansiedade em alunos das universidades e suas consequências**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/4f967c6e-35c4-43ff-bdd4-21e32e49786f/3066655.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2023.

LEONE, Eugenia Troncoso; BALTAR, Paulo. A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro Violência e Gênero: análises, perspectivas e desafios. **Revista Brasileira de Estudos da População**, São Paulo/Sp, v. 25, n. 2, p. 233-249, Não é um mês valido! 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/hrzKkFrSv4wVZCGxGHHS9xG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jul. 2023.

LOPES, Ana Maria D'ávilla; JUCÁ, Roberta Laena Costa; ANDRADE, Denise Almeida de; SILVA, Andréia da Costa. Gênero: fator de discriminação na teoria e prática dos direitos fundamentais das mulheres. **NOMOS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFC**, [s. l.], v. 1, p. 15-34, jan. 2008.

NETTO, Nilo Silva Pereira; LUZ, Nanci Stancki da. Reestruturação produtiva e divisão sexual do trabalho: reflexões sobre o trabalho feminino contemporâneo. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 91, 13 mar. 2011. Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2011v16n1p91>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/7803/8490/3612>. Acesso em: 03 jul. 2023.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, OIT: participação das mulheres no mercado ainda é menor que dos homens. 2019. Disponível em: <https://www.anamt.org.br/portal/2019/03/08/oit-participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-ainda-e-menor-que-dos-homens/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

OLIVEIRA, Ana Carla Menezes de. A Evolução da Mulher no Brasil do Período da Colônia a República. *In:* Colóquio “Educação e contemporaneidade”. São Cristóvam-SE, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10183/29/103.pdf>. Acesso em: 18 de set de 2023.

OLIVEIRA, Ângela Maria Carvalho de. **A TRÍPLICE JORNADA DAS MULHERES NOS DESAFIOS DA UNIVERSIDADE PÚBLICA: TRABALHOS DOMÉSTICOS, REMUNERADOS E ESTUDO.** Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Estado do Amazonas, Tabatinga, 2021. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/bitstream/riuea/4271/1/A%20tr%C3%ADplice%20jornada%20das%20mulheres%20nos%20desafios%20da%20universidade%20p%C3%ABlica%20trabalhos%20dom%C3%A9sticos%2C%20remunerados%20e%20estudos.pdf> Acesso em: 17 dez. 2023.

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Dificuldades na Trajetória Universitária e Rede de Apoio de Calouros e Formandos. **Psico**, Porto Alegre, v. 45, p. 187-197, jun. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/13347/11708>. Acesso em: 16 dez. 2023.

OSSE, Cleuser Maria Campos; COSTA, Ilene Izídio da. Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. **Estudos de Psicologia** (Campinas), [S.L.], v. 28, n. 1, p. 115-122, mar. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-166x2011000100012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/jXj8kc8WmhVHG5Y3J3Y9Stn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 dez. 2023.

RAMOS, Elienne Maria Barbosa. A inserção da mulher na força de trabalho na sociedade capitalista: O caso do Brasil nas décadas de 1990 e 2000. In.: FREITAS, Cesar Augustus Labre Lemos de et al (org.). **Desenvolvimento, território, trabalho e renda.** São Luís: EDUFMA, 2015. p. 188-224.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A Mulher na Sociedade de Classes:** mito e realidade; prefácio de Antônio Cândido de Mello & Souza. Petrópolis, Vozes, 1976. 384 p.

SAMPIERI, Hernández Roberto; COLLADO, Fernandez Carlos; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa.** 5.º ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTANA, Marco Aurélio Silva de. RAMALHO, José Ricardo Garcia Pereira. **Sociologia do Trabalho.** São Paulo: Zahar, 2004.

SILVA, Letícia Ferreira da; CASTILHO, Maria Augusta de. Brasil Colônia: as mulheres e o imaginário social. **Pucsp**, São Paulo, p. 257-279, 09 set. 2014.

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cordis/article/download/21942/16123/56279>. Acesso em: 21 de set de 2023.

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. ***Revista Vozes dos Vales da Ufvjm: Publicações Acadêmicas, Minas Gerais***, v. 02, p. 1-25, out. 2012. Disponível em: http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configura%C3%A7%C3%B5es-familiares-do-s%C3%A9culo-XX_fatima.pdf. Acesso em: 19 dez. 2023.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; DIAS, Ana Cristina Garcia; WOTTRICH, Shana Hastenpflug; OLIVEIRA, Adriano Machado. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Psicologia Escolar e Educacional**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 185-202, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/vH9zX7jBvg8f8YxqBDqYyqH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2023.

WENTZEL, Marina. **Maior participação feminina traria R\$ 382 bilhões à economia brasileira até 2025, diz OIT**. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40281756>. Acesso em: 04 jun. 2023.

APÊNDICE

Questionário para ser aplicado as graduandas do curso de Ciências Econômicas do CAPF/UERN – semestre 2023.2

BLOCO I – CARACTERIZAÇÃO

- 1- Está regular no curso? () Sim () não
- 2- Estuda que período do curso? _____
- 3- Cidade onde mora atualmente? _____
- 4- Qual a sua faixa etária?
- A) () menos de 20 anos.
- B) () 20-24 anos.
- C) () 25-29 anos
- D) () 30-34 anos.
- E) () Mais de 34 anos
- 5- Qual seu estado Civil?
- (...) Solteira (...) Casada (...) Separado/Divorciado () viúva () união estável
- 6- Quantidade de filhos:
- () nenhum
- () 1 filho
- () 2 filhos
- () 3 filhos
- 7- Situação de trabalho principal:
- A) () Trabalha formalmente em período integral. Qual ocupação?

- B) () Trabalha formalmente em período parcial. Qual ocupação?

- C) () Trabalha informalmente (autônomo ou freelancer)?

- D) () Dona de casa.
- E) () Não trabalha
- 8- Quantas pessoas vivem em sua residência (incluindo você)?
- (...) 2 pessoas
- (...) 3 pessoas
- (...) 4 pessoas
- (...) Mais de 5 pessoas
- 9- Qual é a renda familiar mensal?
- () menor que 1 salário mínimo
- () Entre 1 e 2 salário mínimo
- () Entre 3 e 4 salários mínimos
- () acima de 5 salários mínimos
- 10- Em que classificação você se enquadra:
- A) Só estuda? ()
- B) Estuda e trabalha? ()
- C) Estuda e cuida do lar? ()

D) Estuda, trabalha e cuida do lar? ()

BLOCO II – INGRESSO E ALTERAÇÃO NA ROTINA

11- O que te motivou para fazer um ensino superior?

- A) () Realização pessoal
- B) () Melhores oportunidades de carreira
- C) () Interesse na área de estudo
- D) () Pressão familiar
- E) () Outro motivo: _____

12- Depois que entrou na universidade, o que mudou na sua vida?

- A) () Rotina de estudos
- B) () Círculo Social e amizades
- C) () Independência e responsabilidades
- D) () Conhecimento e habilidades acadêmicas
- E) () Outros: _____

13- Quais são suas estratégias para manter-se motivada e envolvida com seus estudos, mesmo diante das incertezas e desafios?

- A) () Estabelecendo metas de curto e longo prazo
- B) () Buscando apoio de colegas e amigos de estudo
- C) () Participando de atividades extracurriculares relacionadas a área de estudo
- D) () Procurando fontes adicionais de aprendizado, como livros e cursos on-line
- E) () Praticando técnicas de gerenciamento de estresse e cuidado
- F) () Outro: _____

BLOCO III – COMO AS GRADUANDAS SE ORGANIZAM PARA ADMINISTRAREM O TEMPO ENTRE AS RESPONSABILIDADES

14- Como você se organiza para administrar seu tempo entre estudos, atividades acadêmicas e demais responsabilidades?

- A) () Através de um planejamento semanal, estabelecendo horários fixos para cada atividade.
- B) () Priorizando as responsabilidades acadêmicas e ajustando as demais atividades conforme necessário.
- C) () Utilizando aplicativos ou ferramentas de gestão de tempo para acompanhar suas tarefas.
- D) () Recorrendo à ajuda de familiares ou colegas para auxiliar com responsabilidades domésticas.
- E) () Outra forma (por favor, especifique): _____

15- Quais as estratégias você adota para lidar com situações em que as acadêmicas responsabilidades entram em conflito com suas responsabilidades familiares ou sociais?

- A) () Prioriza as responsabilidades acadêmicas em detrimento das responsabilidades familiares ou sociais.
- B) () Negocia com familiares ou colegas para obter ajuda com tarefas domésticas ou cuidados familiares.
- C) () Estabelece um cronograma flexível para acomodar ambas as responsabilidades.
- D) () Busca apoio em serviços de assistência social ou comunitária.
- E) () Outra estratégia (por favor, especifique): _____

BLOCO IV – DESAFIOS E FONTES DE ESTRESSE

16- Quais são os principais desafios que você encontra ao equilibrar as demandas acadêmicas com suas responsabilidades familiares e sociais?

- A) () Falta de tempo para dedicar-se aos estudos.
- B) () Dificuldade em conciliar horários de aula com horários familiares.
- C) () Pressão para cumprir com as expectativas acadêmicas e familiares.
- D) () Desafios financeiros para custear a graduação e os cuidados familiares.
- E) () Outro desafio (por favor, especifique) _____

17- Quais são as principais fontes de estresse ou pressão enfrentadas enquanto tenta conciliar essas responsabilidades?

- A) () Sobrecarga de responsabilidades acadêmicas.
- B) () Pressão para alcançar sucesso profissional e familiar.
- C) () Falta de suporte emocional ou financeiro.
- D) () Dificuldade em equilibrar o tempo para autocuidado.
- E) () Outra fonte de estresse (por favor, especifique)

18 - Que tipo de suporte/recursos você procura ou recebe para ajudá-las a conciliar suas responsabilidades acadêmicas, familiares e sociais?

- A) () Suporte financeiro de familiares ou parceiros.
- B) () Auxílio de creches ou serviços de cuidado infantil.
- C) () Orientação de professores ou orientadores acadêmicos.
- D) () Flexibilidade na carga horária das aulas.
- E) () Outro tipo de suporte (por favor, especifique) _____

BLOCO V- UNIVERSIDADE E SATISFAÇÃO GERAL DAS ALUNAS

19- Como o equilíbrio entre responsabilidades acadêmicas, familiares e sociais afeta o seu bem-estar emocional e a sua satisfação geral?

- A) Impacta positivamente, proporcionando sensação de realização.
- B) Impacta negativamente, gerando estresse e sobrecarga.
- C) Não impacta significativamente.
- D) Outro impacto (por favor, especifique): _____

20- As outras responsabilidades sociais (como cuidar do lar e dos filhos), já fizeram você pensar em desistir do curso de Ciências Econômicas?

- A) Sim, as outras responsabilidades têm sido tão sobrecarregadas que pensei em desistir do curso.
- B) Sim, às vezes sinto-me muito pressionada pelas outras responsabilidades, mas ainda assim não considero desistir.
- C) Não, apesar das dificuldades, estou determinada a concluir o curso.
- D) Não, as outras responsabilidades não têm afetado minha vontade de continuar os estudos.
- E) Não tenho certeza ou não tenho opinião formada sobre o assunto

21- Como você avalia o equilíbrio entre vida pessoal e profissional para homens e mulheres no mercado de trabalho?

- A) Acredito que homens e mulheres enfrentam desafios semelhantes no equilíbrio entre vida pessoal e profissional.
- B) Acredito que mulheres enfrentam mais desafios na conciliação entre vida pessoal e profissional.
- C) Acredito que homens enfrentam mais desafios na conciliação entre vida pessoal e profissional.
- D) Não tenho certeza ou não tenho opinião formada sobre o assunto